



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**COLEGIADO DO CURSO DE ENFERMAGEM**

**CLÁUDIO BOMFIM DE OLIVEIRA NASCIMENTO JÚNIOR**

**BLACK LADIES NURSES?! SIM: Enfermeiras negras e a  
construção da identidade da Enfermagem no Brasil**

Santo Antônio de Jesus- Bahia

2018

**CLÁUDIO BOMFIM DE OLIVEIRA NASCIMENTO JÚNIOR**

**BLACK LADIES NURSES?! SIM: Enfermeiras negras e a construção da identidade da Enfermagem no Brasil**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosa Cândida Cordeiro

Santo Antônio de Jesus - Bahia

2018

CLÁUDIO BOMFIM DE OLIVEIRA NASCIMENTO JÚNIOR

BLACK LADIES NURSES?! SIM: Enfermeiras negras e a construção da  
identidade da Enfermagem no Brasil

Monografia apresentada à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como  
requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Aprovada em 24 de Abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Rosa Cândida Cordeiro

Prof.ª Dr.ª Rosa Cândida Cordeiro (Orientadora)

Enfermeira; Doutora em Enfermagem pela UFBA; Professora Adjunta da UFRB

Criziane dos Santos Silva

Prof.ª Mac. Cristiane dos Santos Silva (Profª convidada)

Enfermeira; Mestre em Enfermagem pela UFBA; Professora Assistente da UFRB.

Amália Nascimento do Sacramento Santos

Prof.ª Dr.ª Amália Nascimento do Sacramento Santos (Profª convidada)

Enfermeira; Doutora em Enfermagem pela UFBA; Professora Adjunta da UFRB

## AGRADECIMENTOS

“Quando estou fraco, então é que sou poderoso” (2 Cor. 12:7-10) são estas palavras que definem a minha chegada neste momento, o qual agradeço ao Pai Celestial Jeová Deus por mim dar forças e me conduzir até aqui, muitos foram os caminhos!

Agradeço em especial a minha mãe Jucimaria Santos que fez da sua vida a dos filhos; fez dos meus sonhos realidade. A o meu pai Cláudio Bomfim que mesmo alheio as minhas vivências as consideram importantes. A meu irmão Rafa pela admiração e confiança! E ao meu padrasto Francisco à disponibilidade!

Aos meus avós, Santa, Claudionor, Carminha e Antônio pelo cuidado, incentivo e compreensão, os meus melhores amigos! A os meus tios Claudionor Filho, César, Simone e Robélia pela preocupação e acolhida!

A os meus primos que se fazem meus irmãos, Patrícia, Cristina, Davi e Rose, muito obrigado pelo companheirismo e confiança!

À Wellington, Evilásio meu primo e Tamires por fazerem me sentir parte do meu sertão quando estou em Serrinha e pela atenção!

À os meus amigos Neto, Thaissa Costa, Alana, Regis, Daiana, Pricila, Josi, Arlete, Sidney, Lucy, Cristiano, Luzi, Henrique, Emile, Lucas, Renata, Murilo Tedesco, Rangel, Camila, Silvana, Lidiana, Aline Bacelar, Arisne, Dai, Guiomar, Larissa e Juninho; em especial a Ana Cláudia que com tanta demanda na sua vida não se esquece de mim sendo sempre meu apoio e segurança aqui! Cristian e Danilo que foram o meu suporte, obrigado pelos conselhos, companheirismo e diversão, momentos inesquecíveis tive ao lado de vocês!

À Daniel dos Santos pelos momentos de discussão desde que eu pensei este trabalho e pelo carinho, sempre disposto a me ajudar!

À Érica reservo sempre uma parte exclusiva de mim, assim também o faço com meus agradecimentos! Melhor anjo não poderia ter, minha “B” segurou na minha mão e me levantou no momento mais difícil da minha vida na universidade, quando eu não acreditava mais em mim ela acreditou e me colocou ao seu lado com toda paciência, dedicação, brabeza e amor! A melhor e mais linda enfermeira! Minha eterna gratidão!

À os meus amigos da turma de Enfermagem 2008.2 da FIB por sempre acreditarem em mim e das turmas de Enfermagem da UFRB 2010.2, 2011.1, 2013.1 pela acolhida e me ajudarem a seguir! A os meus amigos da Residência Universitária e a tantos outros que estiveram comigo durante a graduação!

À os meus amigos do intercâmbio na Austrália, em especial Monique, Jadilson, Jeniffer, Mariana, Valmir, Léo, Gabi, Luan, Jane, Érica, Lilica, Naiane, Sandy, Naiza e a Zaid, sem vocês essa loucura não seria a mesma! Um dos melhores momentos da minha vida!

À minha orientadora a Profa. Enf. Dr<sup>a</sup> Rosa Candida a minha eterna gratidão pela paciência, força, compreensão e por estar sempre disposta a contribuir com a minha formação! Meu perdão também, não é fácil ter um orientando como eu! E por constituir-se como representatividade para mim!

Às Profas. Enfs. Dr<sup>a</sup> Amália do Sacramento e Msc Cristiane dos Santos por aceitarem avaliar o meu trabalho, acredito nas contribuições de vocês para além da academia mas para a militância também!

A os meus mestre Urbanir, Josineide, Daiane, Margarete, Rivamales, Cláudia Geovana, Daniela Biscarde, Tânia Santana, Helena, Elaine, Luis Favero, Tuane, Neida, Ana Paula, Vera Patrícia por me ajudarem a me fazer enfermeiro! Especialmente a minha dinda Jamile Bherends! Levarei comigo os seus ensinamentos!

À equipe de saúde da USF Amparo e Enfermeiros do HRSAJ, vocês foram muito importante na minha trajetória, trago de cada um de vocês o Enfermeiro que sou hoje!

À PROPAAE apesar das divergências constates não posso deixar de valorizar os profissionais que me ajudaram! À o Serviço de Psicologia por meio da minha terapeuta Lorena!

À Comunidade Povoado do Alto de Fora, o meu lugar!

À todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha formação!

Dedico este trabalho à todas as Enfermeiras Negras que contribuem para construir a Enfermagem como Ciência. À todas vocês a minha admiração!

“Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro”

Frantz Fanon

JÚNIOR, Claudio Bomfim de Oliveira Nascimento. **BLACK LADIES NURSES?! SIM: Enfermeiras negras e a construção da identidade da Enfermagem no Brasil.** Monografia (Graduação em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2018.

## RESUMO

A identidade profissional constitui-se um tipo de identidade coletiva. Esta é caracterizada pelo compartilhamento de características que define os indivíduos de um grupo. A negação de fatos históricos e invisibilidade de sujeitos históricos tem como objetivo forjar uma identidade. É nesse contexto que situa-se a invisibilidade da mulher negra no cuidado e na profissionalização da enfermagem ao longo da história. A compreensão deste contexto de dar pela análise das relações de gênero e o racismo, e sua interseccionalidade. Assim, considero importante romper com a historiografia tradicional e dar visibilidade as enfermeiras negras do Brasil. Para tal tem-se como objetivo elencar enfermeiras negras que protagonizaram fatos sócio – históricos que contribuíram para a construção da identidade da Enfermagem no Brasil. O presente estudo é de natureza qualitativa, descritiva de essência narrativa que utiliza-se do método pesquisa histórica a partir de análise documental com a finalidade de resgate de memórias em um recorte temático. A pesquisa localizou as seguintes enfermeiras negras: Maria Jose Barroso, a Maria Soldado mulher negra que atuou como Enfermeira membro da Legião Negra na guerra civil da Revolução Constitucionalista de 1932 e destacou-se pelos seus feitos. Rosalda Cruz Nogueira Paim, enfermeira negra que criou a Teoria Sistêmica Ecológica Cibernética de Enfermagem e foi a primeira enfermeira parlamentar e negra. Izabel dos Santos, enfermeira negra e sanitária que criou vários programas de educação para profissionais de saúde reconfigurando os princípios dos recursos humanos no SUS, principal feito foi como idealizadora do PROFAE em 1999. Mãe Stella de Oxóssi enfermeira negra atuou por mais de 30 anos como sanitária, Iyalorixá, militante do povo negro e povo de santo, escritora e imortal da Academia de Letras da Bahia. Destarte, acredito que este trabalho contribuirá para a literatura acadêmica por constituir-se uma pesquisa histórica que objetivou contribuir para a compreensão da identidade da enfermagem a partir do afastamento das estruturas ideológicas relações de gênero e racismo que a tentam forja-la.

Palavras - chaves: história da enfermagem, mulher negra e biografia.

JÚNIOR, Claudio Bomfim de Oliveira Nascimento.

**BLACK LADIES NURSES ?! YES: Black nurses and the construction of the Nursing identity in Brazil.** Monograph (Nursing Undergraduate) - Health Sciences Center, Federal University of Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2018..

### **ABSTRACT**

Professional identity is a type of collective identity. It is characterized by the sharing of characteristics that define the individuals of a group. The denial of historical facts and invisibility of historical subjects aims to forge an identity. It is in this context that the invisibility of the black woman is located in the care and professionalization of nursing throughout history. The understanding of this context of giving by the analysis of gender relations and racism, and its intersectionality. Thus, I consider it important to break with the traditional historiography and give visibility to the black nurses of Brazil. To this goal, the objective is to appoint black nurses who carried out socio-historical facts that contributed to the construction of the Nursing identity in Brazil. The present study is qualitative, descriptive of narrative essence that uses the historical research method from documental analysis with the purpose of retrieving memories in a thematic clipping. The research located the following black nurses: Maria Jose Barroso, the Maria Soldado black woman who served as Nurse member of the Black Legion in the civil war of the Constitutionalist Revolution of 1992. Rosalda Cruz Nogueira Paim, a black nurse who created the Systemic Ecological Cybernetics Theory of Nursing and was the first black and parliamentary nurse. Izabel dos Santos, a black nurse and sanitariat who created education programs for health professionals, reconfiguring the principles of human resources in the SUS, was the principal achievement of PROFAE in 1999. Mãe Stella de Oxóssi, a black nurse, worked for more than 30 years as sanitariat, Iyalorixá, militant of the black people and people of santo, writer and immortal of the Academy of Letters of Bahia. Therefore, I believe that this work will contribute to the academic literature because it constitutes a historical research that aimed to contribute to the understanding of the nursing identity from the distance of the ideological structures, gender relations and racism that try to forge it.

Key - words: nursing history, black woman and biography.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas  
CCS - Centro de Ciências da Saúde  
EEAN – Escola de Enfermagem Ana Nery  
FNB – Frente Negra do Brasil  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
PROFAE - Programa de Qualificação de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem  
SUS - Sistema Único de Saúde  
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
OPAS- Organização Panamericana de Saúde.  
SESP – Serviço Especial de Saúde Pública  
USP – Universidade de São Paulo  
EEUSP – Escola de Enfermagem da USP  
UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz  
COFEN - Conselho Federal de Enfermagem  
BVS -Biblioteca virtual em saúde-  
DeSC - Descritores em ciências da saúde  
ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas  
DNS - Departamento Nacional de Saúde  
MES - Ministério da Educação e Saúde  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
EEUFBA - Escola de Enfermagem da UFBA  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiras enfermeiras negras diplomadas do Brasil. ....	22
Figura 2: A diferença estética do antes e depois da primeira aluna negra entrar na EEUSP. ..	24
Figura 3: Maria José Barroso, a Maria soldado. ....	39
Figura 4: Enfermeira Dr <sup>a</sup> Rosalda Paim. ....	44
Figura 5: A Enfermeira Rosalva Paim. ....	45
Figura 6: A Enfermeira Izabel dos Santos. ....	52
Figura 7: Enfermeira e Iyalorixá mãe Stella de Oxóssi. ....	56
Figura 8: Foto de álbum de formatura em enfermagem de mãe Stella de Oxossi. ....	57

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Consolidado dos resultados .....	<b>32</b>
Quadro 2: Leis de autoria da Enfermeira Dr <sup>a</sup> Rosalda Paim .....	<b>49</b>
Quadro 3: Títulos e homenagens concedidas a Enfermeira Dr <sup>a</sup> Rosalda Paim .....	<b>50</b>
Quadro 4: Livros escritos por mãe Stella de Oxóssi. ....	<b>59</b>
Quadro 5: Eventos de destaque que teve a participação de mãe Stella de Oxóssi .....	<b>60</b>

## SUMÁRIO

### **1 INTRODUÇÃO 13**

### **2 OBJETIVOS 17**

2.1 Objetivo Geral 17

2.2 Objetivos Específicos 17

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO 18**

3.1 O Cuidado por Mulheres Negras ao Longo da História do Brasil 18

3.2 Trajetória Profissional de Enfermeiras Negras no Brasil 20

3.3 História e Identidade da Enfermagem X Relações de Gênero e Racismo 22

### **4 METODOLOGIA 27**

4.1 TIPO DE ESTUDO 27

4.2 Coleta de Dados 27

4.3 A Crítica e a Validação dos Dados 28

4.4 A Análise e Interpretação dos Dados 29

4.5 Aspectos Éticos 29

### **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO 30**

5.1 Maria Jose Barroso, a Maria Soldado 39

5.2 Rosalda Cruz Nogueira Paim, Teórica de Enfermagem e a Primeira Enfermeira Parlamentar e Negra 43

5.3 Izabel Santos, a Idealizadora do PROFAE 51

5.4 Maria Stella de Azevedo dos Santos, a Mãe Stella de Oxóssi: Enfermeira, Iyalorixá, Escritora e Imortal. 55

### **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 63**

### **7 REFERENCIAS 65**

## 1 INTRODUÇÃO

A identidade profissional constitui-se um tipo de identidade coletiva. Esta é caracterizada pelo compartilhamento, por um grupo de indivíduos, de características que os definem e os fazem reconhecidos. Neste contexto, a identidade profissional configura-se pelo arcabouço de conhecimentos e atividades específicas que ao serem exercidas individualmente definem o coletivo. Ao passo que o reconhecimento social legitima este grupo na sociedade, as percepções e significados que o indivíduo tem de si ao compor esse coletivo e do grupo que estão inseridos confere-lhes a unidade de identidade (CAMPOS, 2008). A construção da identidade como um processo social dá-se de forma dinâmica ao longo dos tempos para cada momento histórico, contexto socioeconômico e cultural (BELLAGUARDA, et al., 2011).

A compreensão de identidade como construção coletiva promove a unidade mas também “pode ser excludente, discriminatória e intolerante, a medida que refuta experiências adversas, contrárias às preconizadas como ideais” (CAMPOS, 2008). Assim a contribuição de atores sociais e seus conhecimentos produzidos podem ser refutados pelo grupo e/ou classe dominante deste com o objetivo de impedir representações que não corroboram com o ideal estabelecido no imaginário social. A modificação de trajetórias, eliminação de singularidades, negação de fatos históricos e invisibilidade de sujeitos históricos tem como objetivo forjar uma identidade e como consequência esta não atende a representatividade de indivíduos que compõem este grupo (CAMPOS, 2008).

É nesse contexto de construção de identidade que situam-se os processos históricos que caracterizam a identidade da enfermagem no Brasil. A invisibilidade da mulher negra no cuidado e na profissionalização da enfermagem ao longo da história do país constitui-se um percalço para a compreensão e formação desta identidade por excluir da historiografia da profissão fatos e memórias, uma vez que a participação da mulher negra na história do cuidado é expressiva não apenas por serem maioria, mas sobretudo pelas práticas de saúde desenvolvidas (CAMPOS, 2008).

Nesse sentido, torna-se essenciais modificações na forma de se escrever a história da enfermagem. Na atualidade, a produção da história no Brasil vem se modificando a partir de modelos teóricos que se utilizam da interdisciplinaridade para o entendimento mais amplos de fatos históricos com o objetivo de entender os processos que envolvem um momento, fato ou sujeito histórico revelando processos sociais de construção. Assim, essa nova forma de fazer história vai de encontro ao modelo tradicional que privilegiava fatos considerados importantes a partir de um conceito hegemônico ou de interesse da classe dominante. O objetivo é

compreender a história como um fenômeno social que tem implicações no presente e futuro (CAMPOS, 2008; CAMPOS, 2012; PINHEIROS, 2015).

A história da mulher negra na enfermagem deve ser pesquisada e relatada por modelos teóricos que as restituam como atrizes sociais de protagonismo para a devida valorização social na profissão. Pode-se compreender esse resgate com uma reescrita da história da enfermagem (CAMPOS A, 2008). Pois como afirma Campos (2011, p.35):

Avaliar o processo de exclusão/inclusão de mulheres negras na enfermagem profissional, bem como a resistência das mulheres negras frente aos juízos intolerantes e fabricações discursivas que as desqualificavam, torna-se fundamental para o estudo da formação da identidade profissional da enfermagem brasileira.

A compreensão da diferença do lugar que as enfermeiras negras são colocadas na história da enfermagem e onde elas de fato estão deve ser analisada com o entendimento de fenômenos/problemas sociais que viabilizam essa distorção da história; das relações de gênero e do racismo, e sua interseccionalidade.

Segundo Kabengele Munanga (2003) raça é uma ideologia ao instituir relação de poder e dominação. Conceito que classifica a diversidade humana a partir da cor da pele. Assim, encontra-se a raça negra, branca e amarela. A o classificar se estabelece critérios de valor que viabiliza a hierarquização das raças. A o se estabelecer a raça branca como superior as demais pela cor da pele, a raça negra de cor mais escura torna-se a mais inferior sendo sujeita a todo tipo de dominação. Por sua vez, Kabengele Munanga (2003, p.8) diz que:

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Logo, o negro é um símbolo construído no imaginário racista onde a cor de pele preta se associa a um grupo social inferior colocado em relações de poder de dominação e sujeição, assim todas as construções e práticas sociais deste grupo não são aceitas e tornam-se campo para a discriminação (MUNANGA, 2003).

Ao discutir gênero, Connel (2015, p.282) situa o pressuposto da sua teoria ao dizer que:

O gênero pode ser visto numa primeira aproximação, como o modo como a conduta, as interações e as instituições sociais se organizam em relação a reprodução humana. Ou, por outras palavras, os processos de gêneros são aqueles que inscrevem na história ou corpos reprodutores e as diferenciações reprodutoras.

A partir desse marco conceitual, o entendimento de relações de gênero é colocado numa visão ampliada para além das relações de poder posta para a diferenças do papel social de ser

homem e mulher fundamentadas nas diferenças biológicas do sexo masculino e feminino. Entretanto, parte da construção social que designa o corpo e seu papel na reprodução humana. Logo, a função de reprodução sexual em princípio não gera as relações de gênero. Assim, as relações de poder sobre o gênero são construídas no campo de instituições estabelecidas, processos culturais e na vida social neste contexto de construção social (PROCOPIO, 2018; CONNELL, 2015).

Nessa perspectiva Connell apud Procopio (2015, p.1007) define que: “Gênero refere-se, portanto, a relações, práticas e identidades ativamente criadas e negociadas em processos sociais, frequentemente contraditórias, historicamente situadas, limitadas por forças econômicas e políticas e sujeitas a mudanças e lutas.”. Connell reconfigura o conceito de gênero ao multidimensionar em quatro categorias analíticas: poder, produção, vínculos emocionais e simbolismo (PROCOPIO, 2018).

A interseccionalidade busca compreender a dinâmica entre dois ou mais eixos subordinados em um fenômeno social, aqui situa-se nas relações de poder estabelecidas pelo patriarcado que fundamentam as (re)produções de relações de gênero e racismo num contexto de construção sócio-histórica (SILVEIRA, 2014). A análise do lugar que a mulher é colocada na sociedade durante os períodos históricos do Brasil permite afirmar que a mulher negra sempre foi colocada em último extrato social de (in)visibilidade sofrendo por ser mulher e mulher negra, marcada respectivamente por relações de poder em gênero e raça. Logo, a discussão sobre a mulher negra em processos sócio-históricos exige a interseccionalidade entre gênero e raça. É nesse contexto que situamos a história da mulher negra na enfermagem (SILVEIRA, 2014).

A historiografia da enfermagem no Brasil exclui as enfermeiras negras da sua narrativa, invisibilizando –as. Esta invisibilidade fundamenta-se nas relações de poder do gênero e raça ao atender os interesses do patriarcado, que caracteriza-se como heteronormativo, elitista e branco. Por sua vez, excluir personagens da história da enfermagem inviabiliza uma compreensão fidedigna sobre a construção desta profissão. Contudo, quando este processo de exclusão caracteriza-se pelas relações de gênero e racismo infere-se que o objetivo é manipular uma narrativa, forjar uma identidade.

A identidade forjada neste contexto contempla enfermeiras brancas no compartilhamento de significados sobre sua profissão, conferindo-as representatividade, no entanto quais figuras de representatividade estão para as enfermeiras negras? O questionamento surge na minha inquietude, enquanto estudante de graduação desde que cursei o componente história da enfermagem, de compreender por que não tínhamos enfermeiras negras nas

narrativas históricas ofertadas pelo curso. O exercício de questionar a historiografia também era uma necessidade de representatividade enquanto acadêmico de enfermagem auto-afirmado preto. A o longo do curso estabeleço essa indagação como um problema para estudo. E, aqui neste estudo diante das reflexões estabelecidas considero de grande importância romper com a historiografia tradicional da enfermagem e dar visibilidade as enfermeiras negras do Brasil, assim situo meu objeto de estudo: **Quais enfermeiras negras protagonizaram fatos sócio-históricos importantes para a construção da identidade da enfermagem no Brasil?**

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Elencar enfermeiras negras que protagonizaram fatos sócio – históricos que contribuíram para a construção da identidade da Enfermagem no Brasil.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Descrever os fatos históricos de importância para a Enfermagem no Brasil protagonizados por enfermeiras negras sob a perspectiva de gênero, raça e profissão.
- Verificar a relação do racismo com a construção da identidade da Enfermagem no Brasil.
- Identificar a invisibilidade social de mulheres negras na história da Enfermagem no Brasil.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 O Cuidado por Mulheres Negras ao Longo da História do Brasil

Ao longo da história do Brasil o cuidado é exercido majoritariamente por mulheres negras. Logo, as práticas de cuidado relacionam-se com a cultura e situação social do povo negro ao longo dos tempos, modificando-se a depender do período histórico. A saber, consideremos o período colonial e imperial com o marco da abolição da escravatura, a primeira república com a profissionalização da enfermagem, e os dias atuais (CAMPOS, 2008; COFEN, 2013; PINHEIRO, 2015).

Trazidas forçadamente da África para o Brasil, as mulheres negras submetidas a situação de escravidão prestavam o cuidado a todas as pessoas da sociedade colonial, em situações de manutenção da saúde ou na doença em todas as etapas do ciclo de vida. Neste contexto de escravidão nota-se que essas mulheres negras muitas vezes eram impedidas de cuidar de outras pessoas escravizadas e familiares, pois o cuidado exercido por estas mulheres negras no período colonial tinha como função social a servidão escravocrata. As mulheres negras prestavam o cuidado como negras domésticas, mães pretas, parteiras e amas-de-leite (PINHEIRO, 2015).

As mulheres que trabalhavam na casas dos senhores tinham como responsabilidade o cuidado com a casa e alimentação, assim tinham o papel na manutenção da limpeza, higiene e nutrição. As mães pretas cuidavam dos enfermos, velhos e crianças, pessoas que tinham dependência para manter cuidados básicos com seu corpo e saúde. As parteiras identificavam a gravidez, prestavam orientações em situações de complicação da gestação e partejavam, sua função de cuidadora se estendia as mulheres escravizadas, pois o nascimento de um bebê negro era uma forma de lucro para os senhores. E, as amas-de-leite tinham o papel de amamentar e cuidar dos filhos dos senhores (PINHEIRO, 2015; CAMPOS, 2001).

A historiografia trazida pela literatura demonstra o vínculo entre ama-de-leite e os filhos dos senhores, as fotografias da época constituem-se um importante registro iconográfico (CAMPOS, 2001). As amas de leite acompanhavam as crianças durante toda a sua infância, caracterizando uma condição de maternidade. Em torno desse papel da ama-de-leite existia um mercado lucrativo, por que estas eram alugadas para outras famílias. Anúncios de jornais divulgavam o número de filhos tidos e data do nascimento, e a ausência de filho ao nascer para demonstrar a amamentação exclusiva para o aluguel o que indica a prática do aborto muitas vezes para a mulher ter a finalidade apenas de produção de leite. A literatura também indica

que as amas-de-leite tinham a possibilidade de ter um tratamento diferenciado ao serem alugadas, como conseguir agrados ou até mesmo a liberdade. Entretanto, com a abolição da escravatura a ama de leite passa a viver nos cortiços, local considerado na época como fonte de enfermidades, epidemias, promiscuidades e vícios. Nesse contexto, “acreditava-se que o leite da ama poderia corromper o bem-estar espiritual, moral e físico das crianças, passaram então a considera-la uma mercenária cheia de vícios e portadora de doenças”, logo a contratação exigia atestado médico de boa saúde (PINHEIRO, 2015).

A abolição da escravatura no Brasil ocorre para atender o interesse burguês dos ingleses de aumentar o mercado consumidor no país, assim a relação de poder entre os senhores e os negros libertos se modificam, a negra doméstica se ajusta a padrões burgueses de cuidados do lar descritos em manuais ofertados as donas de casa brancas que orientavam a higiene, eficiência e ordem (PINHEIRO, 2015). E, as outras cuidadoras negras libertadas passam a ter sua imagem associada a miséria, prostituição, enfermidade e marginalidade social ao exercer o cuidado em espaços insalubres e condenados socialmente a loucos, moradores em situação de rua, prostitutas e entre outras figuras sociais consideradas ameaça ao bem estar social (CAMPOS, 2008).

No período da Enfermagem pré-profissional, onde o cuidado era realizado a partir de um “conhecimento empírico, intuitivo, vocacional, consolidado pela prática e não pela formação” (CAMPOS, 2008) encontravam-se as mulheres negras atuando de alguma forma no cuidar, visitadoras sanitárias, samaritanas, voluntárias, socorristas, auxiliares de médicos e até mesmo professoras. Essas informações estão registradas nas fichas de candidatura e matrícula de enfermeiras negras da Escola de Enfermagem Ana Nery - EEAN, as quais eram maioria na solicitação de bolsas de estudos para a profissionalização da enfermagem indicando que na sua maioria eram mulheres pobres e que exerciam o cuidado. Os registros demonstram que a mulher negra era considerada enfermeira, pois toda mulher que exercia algum um tipo de cuidado era assim vista pela sociedade e chamada de enfermeira (CAMPOS, 2008; PINHEIRO, 2015).

A escrita da história da enfermagem produzida por uma historiografia tradicional, que manipulava, distorcia e analisava fatos históricos para atender os interesses da classe dominante, inviabiliza o acesso de informações sobre a construção de uma identidade negra na Enfermagem. Contudo, observa-se que é inegável a importância e destaque do cuidado por mulheres negras no Brasil ao longo dos tempos (PINHEIRO, 2015; CAMPOS, 2001).

### 3.2 Trajetória Profissional de Enfermeiras Negras no Brasil

Durante a Primeira República (1889-1930) ocorreram reformas sanitárias caracterizando um marco na saúde pública brasileira, nesse período ocorreram a criação de políticas de saúde pública, campanhas de saúde, ligas, associações, escolas e outros espaços de saúde. Esse período teve impacto na história da enfermagem no Brasil notoriamente com a Missão Parsons (CAMPOS, 2008).

A Missão Parsons estava pautada em um discurso médico que visava o controle social com a justificativa de que o povo negro carregava consigo o poder de produzir doença e imoralidade (CAMPOS, 2008). Logo, o poder hegemônico da classe médica dominante das práticas sociais em saúde buscavam romper costumes, impor novas práticas sociais e de saúde, higienizar espaços sociais considerados degradantes de uma sociedade corrompida pela miscigenação. As práticas eugênicas de saúde modificaram o cotidiano do povo negro ao oprimir as práticas socioculturais do universo africano e afro-brasileiro. O objetivo era conduzir a sociedade brasileira ao mais alto nível de vida social (CAMPOS, 2012).

O racismo esteve presente na origem da enfermagem profissional no Brasil, fato historicamente comprovado ao analisar a admissão para a Escola de Enfermeiras, do Departamento Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, fundada em 1923, a EEAN. O impedimento de mulheres negras na escola era concebida de forma diplomática e estratégica, pois legalmente elas não poderiam ser impedidas de frequentar o sistema de educação por serem cidadãs brasileiras, porém a exclusão era feita controlando os critérios de qualificação, os quais sempre desclassificavam as candidatas negras (CAMPOS, 2008).

A cor é um elemento norteador das práticas de racismo e seus desdobramentos nas práticas de segregação racial e invisibilidade do povo negro. A história mostra que a escola possuía três alunas que possuíam outras características fenotípicas de negro (mas não especificam quais), mas possuíam a pele branca. A cor de pele preta resgatava a imagem de imoralidade e de doença vinculada forçosamente as cuidadoras negras, assim pretendia-se criar a imagem branca, pura, dócil e de elevado status social da enfermagem no Brasil. Diante da pressão por minorias dos segmentos sociais, notoriamente a imprensa, o Departamento de Saúde considerou o ingresso de uma candidata negra que preenchesse os requisitos para a admissão para apaziguar a opinião pública e não comprometer a imagem de uma escola de ensino superior de enfermagem fundamentada em princípios científicos (CAMPOS, 2008).

E, assim ocorreu em 1926, com a entrada da primeira mulher negra na escola. O fato gerou conflitos na escola, pois havia a suspeita de que esta candidata foi indicada pela imprensa

e as demais estudantes eram contra a entrada de mulheres negras. Em Conselho de Estudantes as futuras enfermeiras diplomadas decidiram por fim a qualquer tipo de manifestação contra a permanência da mais nova estudante ou qualquer ato de desrespeito exigindo a condição de que não fosse admitida outra mulher negra, desvelando a ideologia racista que fundamentava escola. Durante um longo período a escola não admitiu estudantes negras, estas passaram a fazer parte do corpo discente quando a escola deixou de ser dirigida pela Fundação Rockefeller, e passou a ser assumida por dirigentes brasileiras (CAMPOS, 2008; CAMPOS, 2012).

Diante destas representações impostas ao povo negro foi negada a profissionalização da mulher negra na enfermagem durante duas décadas, 1920 e 1930. Contudo, a fundação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP em 1940, considerada a segunda escola oficial de enfermagem, trouxe avanços para a inserção da mulher negra na graduação de enfermagem caracterizando-se como um novo espaço formador da enfermagem brasileira. A partir da segunda turma em 1943 a escola possuía duas estudantes negras, Josephina de Mello e Lucia Conceição da Costa (CAMPOS, 2008; CAMPOS, 2012).

Josephina de Mello (à direita na figura n. 1) era filha de uma inglesa e enfermeira obstétrica que atuava em Bridgetown, Barbados e de um cirurgião que trabalhava em Manaus. Ela concluiu o curso da Cruz Vermelha Brasileira para enfermeira de emergências e atuava na área da assistência de enfermagem em Manaus no Posto de Assistência Médica. Tornou-se Bolsista do Serviço Especial de Saúde Pública –SESP , mudando-se para São Paulo para se diplomar em enfermagem (CAMPOS, 2008).

Lucia Conceição da Costa (à esquerda na figura n. 1) trabalhou como Visitadora de Saúde e tinha dois cursos na área. Os documentos de admissão relatam o seu pedido de bolsa, pois era pobre e mantinha responsabilidade com a educação da irmã mais nova. Os dados socioeconômicos da estudante eram comuns nas fichas de alunas negras, na sua maioria mulheres pobres que de alguma forma exerciam o cuidado e almejavam tornar-se enfermeiras diplomadas (CAMPOS, 2008).

Figura 1: Primeiras enfermeiras negras diplomadas do Brasil.



1947

1947

FONTE: (CAMPOS, 2008)

Deve-se considerar que existiam outras escolas de enfermagem no país, mas não eram consideradas oficiais com a EEAN e EEUSP, como exemplo a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro ligada ao Hospital Nacional de Alienados do Ministério dos Negócios do Interior criada em 27 de setembro de 1890 denominada hoje conhecida como a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto hoje faz parte da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, a qual possuía o modelo de enfermagem francês (CAMPOS, 2012). Registros comprovam que esta escola possuía estudantes negras, entretanto o processo de admissão para estas estudantes, número de admitidas bem como o seu cotidiano não são relatados, pois como afirma Campos (2011, p. 38): “Movimentos anteriores, cujo ensino não refletisse o padrão proposto como oficial, foram relegados pela historiografia dominante e postos à margem da história da enfermagem brasileira.”

### **3.3 História e Identidade da Enfermagem X Relações de Gênero e Racismo**

A identidade modifica-se o longo da história, reconstrói-se a partir do advento e vivência de processos sociais. Logo, esse conceito é o “resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”

(BELLAGURDA et al., 2011). Nesse contexto, observa-se que a história da profissão traz elementos definidores ao passo que se perpetuam, se modificam ou são refutados conceitos que constroem a identidade.

A literatura acadêmica, os jornais e propagandas, bem como outros registros, a exemplo fotografias definem a enfermagem como uma profissão eminentemente feminina ao vincular e retratar apenas a imagem da enfermeira em diferentes épocas (CAMPOS, 2008). Assim, nota-se que o gênero na dimensão simbolismo vem caracterizando a identidade da enfermagem na sua construção e percepção pela sociedade, pois a profissão era referida como própria para mulheres (PINHEIRO, 2015; CONNELL, 2015).

No período colonial e imperial o cuidado era realizado por mulheres negras em situação de escravidão. No período da Enfermagem pré-profissional o cuidado era realizado por mulheres (maioria negra) as quais se atribuíam a vocação; na ausência do conhecimento científico embasador e institucionalizado a enfermagem era feita a partir do empirismo, e legitimado pela prática cotidiana. A partir da profissionalização da profissão com a criação da escola oficial de enfermagem EEAN, essa representação continua ao se estabelecer como requisito para a admissão a condição de ser mulher branca, culta, jovem, saudável excluindo assim a figura masculina, e da mulher negra também. Logo, observa-se que as questões de gênero e raça estavam intimamente ligadas a uma construção forjada da identidade da enfermagem (CAMPOS, 2008; PINHEIRO, 2015).

Este modelo seria rompida com movimentos políticos na segunda gestão de Bertha Pullen na EEUSP e na aceitação de homens e mulheres negras nesta escola mesmo que timidamente. Contudo, mesmo a partir desse rompimento histórico da atribuição dos cuidados exclusivamente a mulheres até os dias atuais a profissão é composta majoritariamente por mulheres como indica a Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil – 2013 realizada pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ e Conselho Federal de Enfermagem - COFEN, onde divulga que 86,2% dos profissionais são mulheres o que corresponde a 357 551 enfermeiras e 13,4% são homens, respectivamente 55 401 enfermeiros (BELLAGURDA, 2011; COFEN, 2013).

O adentramento de mulheres negras na EEUSP foi um marco histórico para a construção da identidade da enfermagem na qual representou a legitimação da importância dessas mulheres que sempre exerceram o cuidado no Brasil. Entretanto, estas não estavam imune as estruturas racistas estabelecida desde a criação da EEUSP. A dominação de corpos das mulheres presente na profissão as atingiram com outro significado, a do branqueamento. Uma das ações da Missão Parsons foi tornar o branqueamento da população brasileira uma política pública no Brasil.

Nesse período houve o incentivo da imigração em massa de europeus. O objetivo era a partir da eugenia tornar o Brasil um país socialmente superior ao acabar com as condições sócias degradantes trazidas pela raça negra (CAMPOS, 2012).

Boris Kossoy (2000) citado por Campos (2012) ao analisar imagens fotográficas, observou a aparência das alunas afrodescendentes diplomadas pela EEUSP, o uso de maquiagem, tratamento de sobrancelhas, penteado, direção do olhar, postura, alinhamento dos ombros entre outros. Podemos observar na figura n. 2 a mudança no cabelo de Josephina Mello ao observar o antes e o depois de entrar na EEUSP. Estas exigências de comportamentos e padronização de beleza excluía ou incluía as mulheres negras do corpo discente da EEUSP como mostra o regimento que valorizava o cabelo liso e o clareamento da pele.

Figura 2: A diferença estética do antes e depois da primeira aluna negra entrar na EEUSP.



1944

1947

*Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero-Americana*

**Josephina de Mello.**

Fonte: Campos, 2008

A configuração deste contexto permite afirmar que o objetivo era o branqueamento, fundamentados em um padrão de eugenia, para afasta-las das representações da mulher negra na sociedade brasileira, a qual poderia depreciar a imagem da enfermeira diplomada brasileira. A enfermagem profissional nasce com o forjamento de representações de suas profissionais o que incide diretamente na manipulação da criação de uma identidade importada dos Estados Unidos da América e que atendia a os interesses da classe dominante da época (CAMPOS, 2012).

Na atualidade estudos são realizados para investigar as relações de gênero e racismo na enfermagem e como estes refletem no cotidiano das enfermeiras negras, (EMILIANE, 2010) O estudo de Emiliane (2010) constatou que durante os sessenta e cinco anos de fundação a EEUSP graduou 2.888 enfermeiros, dos quais 128 se autodeclararam negros. Esses dados apontam a dificuldade de acesso e permanência de estudantes negros no curso de Enfermagem. Ao tratar do racismo durante a graduação, o estudo, por meio de entrevista com enfermeiras negras, deixa claro que o racismo era exercido pelos docentes e colegas, atrelando a cor à realidade socioeconômica, desempenho acadêmico e inadequação para o exercício da profissão. Na temática do mercado de trabalho a raça/cor foi considerada como empecilho para a contratação principalmente em hospitais fundados por colônias de imigrantes ou hospitais particulares, a estética em detrimento do saber e a experiência foram apontadas.

A Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN. (p. 6, 2013) traz dados sobre os números de enfermeiros segundo cor/raça e especifica que 57,9% dos enfermeiros são brancos 37,9 % são negros com a somatória de 6,6 % pretos e 31,3% pardos segundo critério do IBGE seguidos de 2,8% de outras etnias e 1,4% que não se autodeclararam. Pode-se observar que a maioria dos enfermeiros são brancos com uma diferença de 20% a mais do que enfermeiros negros.

Por outro lado, quando analisa-se os dados sobre técnicos e auxiliares tem –se que 37,6% correspondem a profissionais brancos, e 57,4 % a profissionais negros com 12,9% autodeclarados pretos e 44,5% pardos, uma diferença de 19,8% a mais de profissionais negros em relação a brancos. Infere-se que as relações desses dados referentes a raça/cor estejam relacionados à divisão social do trabalho na enfermagem, onde os profissionais com condições financeiras melhores ascendem ao nível superior e exercem as funções intelectuais dos serviços e os de nível técnico o trabalho braçal, historicamente aqueles constituem - se a população branca e estes a população negra (COFEN, 2013).

Campos (2008, p.3) afirma que: “as representações raciais e de gênero contribuíram para a legitimação de uma identidade profissional excludente e discriminatória.” Todavia, a

historiografia moderna descreve a permanência das mulheres negras no universo do cuidar e demonstra o interesse destas em usufruir dos benefícios da profissionalização. Assim, “a presente reflexão permite considerar como mulheres negras criaram e recriaram seus lugares no âmbito do cuidado enquanto arte, ciência e ideal” ao contribuir para a construção da identidade da enfermagem ao longo dos tempos (CAMPOS, 2012).

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Tipo de Estudo

O presente estudo é de natureza qualitativa, descritiva de essência narrativa que utiliza-se do método pesquisa histórica a partir de análise documental com a finalidade de resgate de memórias em um recorte temático (PADILHA, 2005; PADILHA et al, 2017).

Ao conceituar a pesquisa histórica Padilha (2005, p. 3) afirma que:

Os estudos de natureza sócio-histórica, compreendem o estudo dos grupos humanos no seu espaço temporal e preocupada em discutir os variados aspectos do cotidiano das diferentes classes e grupos sociais. O método de pesquisa histórica caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que tem relação com ocorrências do passado.

A pesquisa histórica tem por objetivo o resgate do passado para a compreensão deste com a perspectiva do entendimento de questões que perduram no presente, e possibilitam projeções futuras. Essas relações temporais geram questionamentos que viabilizam a produção de conhecimentos sócio-históricos a partir da investigação de verdades estabelecidas contadas pela a historiografia, assim a possibilidade de (re)construir a história. Para a aceitação e reconhecimento do valor do conhecimento produzido a pesquisa histórica traz os seguintes elementos norteadores: relevância, viabilidade, originalidade, coerência e consistência na argumentação. (PADILHA, 2005; PADILHA, 2007)

A pesquisa histórica exige, minimamente, a ocorrência de três passos metodológicos: levantamento de dados e escolha das fontes; avaliação crítica e validação dos dados; análise e interpretação dos dados para apresentação dos fatos e conclusões. (PADILHA, 2005)

### 4.2 Coleta de Dados

O presente estudo utilizou-se de dados secundários obtidos das fontes mídia aberta e Biblioteca virtual em saúde- BVS com seus respectivos indexados. Para a busca dos dados utiliza-se dos descritores em ciências da saúde - DeSC história da enfermagem, mulher negra, e biografia combinados para busca com o indicador booleano “AND”. Para filtro dos dados aplica-se os critérios de inclusão na função filtrar. Realiza-se a leitura exploratória dos títulos e

resumos para selecionar a primeira amostra de dados. Por conseguinte, aplica-se a leitura analítica a partir dos critérios de exclusão.

Devido alguns estudos não serem indexados de forma correta para localização a partir dos descritores e pela ausência do descritor enfermeira negra nos DeSC, assim como pela quantidades de estudos sobre o tema, optou-se por utilizar o Google acadêmico, ferramenta do servidor Google para pesquisa de trabalhos científicos. A busca no Google acadêmico se dar pela utilização dos descritores supracitados de mesma combinação. Serão incluídos textos científicos de qualquer natureza publicados em revista científica e banco de monografia, dissertação e tese. Aplica-se os critérios de exclusão especificado neste estudo. Esta escolha justifica-se pela inclusão de trabalhos que provavelmente não seriam localizados na BVS.

Os textos de origem da mídia aberta e vídeos seguem os mesmos passos de busca para o Google acadêmico.

Critérios de inclusão: publicações indexadas em língua portuguesa (artigos, teses, dissertação, monografia), recorte atemporal, texto na íntegra, textos da mídia aberta (oriundos de blogs e jornais online) e vídeos.

Critérios de exclusão: publicações com metodologia mal caracterizada, ausência de sujeito histórico, ausência do fato histórico ou contribuições sócio-histórica.

### **4.3 A Crítica e a Validação dos Dados**

Este processo que avalia a veracidade e relevância dos dados e fontes é preservada neste estudo pela utilização de dados secundários aqui descrito, os quais tem como fonte bancos de dados indexados de periódicos reconhecidos cientificamente e da mídia aberta. Assim, caracteriza-se a crítica interna desse processo; a crítica externa não se aplica a este desenho metodológico por utilizar-se de dados secundários. E, também faz-se necessário analisar se a metodologia dos trabalhos selecionados é bem descrita e mantém os princípios da crítica externa e interna, se os fatos históricos são elencados numa narrativa, e se o arcabouço de informações trabalhadas são concordantes com a literatura utilizada (PADILHA, 2005).

#### **4.4 A Análise e Interpretação dos Dados**

Para a apresentação dos resultados e análise dos dados optou-se pela a construção de um quadro estruturado com os seguintes elementos: período histórico, sujeito histórico, fato histórico e contribuições para a enfermagem, tipo de estudo, referência. A escolha do quadro estruturado se deu por considerar que este permite a síntese dos dados coletados e tratados para melhor organização da narrativa histórica (PADILHA, 2005).

Por se tratar de um estudo histórico que traz o recorte temático como característica, a interpretação dos dados e a consequente narrativa histórica ocorrerá a luz do marco conceitual e referencial teórico que fundamentam este trabalho. Assim, se estabelece a discussão dos eixos de investigação que se situa o objeto de estudo. O item resultados e discussão deste trabalho serão apresentados em subitens correspondente a os resultados e a cada sujeito histórico.

Neste trabalho utiliza-se a divisão didática dos períodos históricos utilizados por ROSSI (1980) citado por Bertolozzi (1996, p.1), que distingue os períodos da história em: colonial, primeira República até a Revolução de 30, populismo da década de 1945 a década de 1960, da década de 60 até o fim da Ditadura Militar e da Nova República até a atualidade.

#### **4.5 Aspectos Éticos**

A pesquisa histórica por meio da análise documental de dados secundários não exige o cumprimento legal de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Contudo, os autores se utilizam das normas para escrita de trabalho científico da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para se manter a legalidade dos direitos autorais. E, se comprometem a tratar o tema com a observância dos direitos humanos, bem como seguir os passos metodológicos descritos.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados, dados da pesquisa, aqui apresentados foram obtidos a partir do desenho metodológico do presente estudo. Para tal torna-se necessário descrever o processo de coletas de dados e todas as etapas deste processo. Pois, a caracterização dos dados obtidos fazem parte dos pressupostos de crítica e validação de dados da pesquisa histórica. Neste caso, este estudo utiliza-se de dados secundário obtidos da Biblioteca Virtual em saúde – BVS e Google acadêmico.

A busca na BVS para o descritor isolado história da enfermagem gerou 14 829 publicações, ao selecionar os critérios de inclusão obteve-se 2 176. A busca refinada com a combinação dos descritores história da enfermagem “AND” mulher negra não gerou dados. Por sua vez, a combinação história da enfermagem “AND” biografia” gerou 67 publicações, para refinamento utilizou-se o filtro biografia como assunto para atender o critério de exclusão ausência de sujeito histórico. Realizou-se a leitura exploratória a partir dos títulos e resumos das (17) publicações, e posteriormente a leitura analítica do mesmo número com o objetivo de não excluir nenhuma publicação que abordasse o tema. Contudo, apenas (01) das publicações traziam a biografia de uma enfermeira negra, a Rosalda Paim mas não traz a informação de que ela é enfermeira negra.

A busca no Google Acadêmico localizou (10) publicações: (03) na *SciELO* - Scientific Electronic Library Online, (01) na Biblioteca Digital de *Teses e Dissertações* da Universidade de São Paulo, (01) Revista *Trilhas da História* da UFMS –Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, (1) no Repositório de Monografia da Universidade Federal Fluminense - UFF, (01) na Biblioteca Digital de *Teses e Dissertações* da (02) na *Online Brazilian Journal of Nurse* da Universidade Federal Fluminense – UFF, (01) Livro em Books Google. Todos os artigos citados não se encontraram no critério de exclusão contendo metodologia descrita, presença de sujeito histórico e do fato histórico ou contribuições sócio-históricas. E, atendem a compreensão do objeto de estudo.

A busca na mídia aberta permitiu encontrar (06) textos em blogs, (01) memorial interativo online e (02) materiais iconográficos em formato de vídeo. E, a partir dos textos da mídia aberta realizou-se a busca ativa de (02) textos publicados na *Revista da Academia de Letras da Bahia*.

Os resultados encontrados estão consolidados no quadro estruturado (ver quadro n. 1) com os seguintes elementos: período histórico, sujeito histórico, fato histórico e contribuições para a enfermagem, tipo de estudo, referência. A coleta de dados descrita permitiu identificar

dados sobre quatro enfermeiras negras e suas contribuições para a construção da identidade da enfermagem no Brasil. A saber: Maria Soldado (04) publicações, Rosalda Paim (05) publicações, Izabel Santos (03) publicações e Mãe Stella de Oxóssi (09) publicações.

As publicações apresentadas foram caracterizadas quanto ao tipo de metodologia por cada sujeito histórico. Os resultados de publicações quanto a metodologia do estudo sobre Maria Jose Barroso são (02) análise documental de dados secundários, (01) análise documental de dados primários e (01) história de vida; em relação a Rosalda Cruz Nogueira Paim (01) biografia, (01) história de vida, (01) análise documental de dados primários, (01) análise documental de dados secundários e (01) memorial online, sobre Izabel Santos (1) entrevista, (01) história de vida e (01) história de vida oral em formato de vídeo; quanto a Mãe Stella de Oxóssi (01) história temática de vida, (02) discurso transcritos, (01) história oral de vida, (01) entrevista e (04) textos de mídia aberta. Quanto a área de concentração científica (07) pertencem a Enfermagem e os (14) restantes pertencem a História, Ciências Políticas, Literatura e Jornalismo.

Apesar de todos as publicações, de forma combinada, se constituírem como dados por atenderem os objetivos deste estudo, algumas de forma isolada não atenderiam por não identificarem o sujeito histórico como enfermeira negra. Segue a sua apresentação segundo sujeito histórico; sobre Rosalda Cruz Nogueira Paim com os textos de Teixeira et al (2012), Cursino (2016) e Reis (2016); Izabel Santos o texto de Paiva (2015). Em relação a Maria José Barroso e Mãe Stella de Oxóssi todas as publicações as caracterizam como enfermeiras negras.

Quadro n. 1: Consolidado dos resultados.

	<b>PERÍODO HISTÓRICO</b>	<b>SUJEITO HISTÓRICO</b>	<b>FATO HISTÓRICO/ CONTRIBUIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICA</b>	<b>FONTE/ TIPO DE ESTUDO</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
1.0	Primeira República a Revolução de 30.	Maria Jose Barroso, a “Maria Soldado.”	Atuou como Enfermeira membro da Legião Negra na guerra civil da Revolução Constitucionalista de 1932.	Análise documental de dados secundários.	FERREIRA, J. U. G.; CAMPOS, P. F. S. Pérolas Negras: a participação de mulheres negras na Revolução Constitucionalista de 1932 <b>Revista Trilhas da História</b> . Três Lagoas, v.3, nº6 jan-jun, 2014.p.121-148.
				Análise documental de dados secundários.	CAMPOS, P. F. S. As enfermeiras da Legião Negra: representações da enfermagem na revolução constitucionalista de 1932. <b>Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher</b> , Lisboa, n. 33, p. 53-65, 2015.
				Análise documental de dados primários.	LOW, L. <b>Enfermeiras negras na revolução constitucionalista de 1932</b> . Tese. Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2013

				História de vida	LÖW, L. OGUISSO, T. Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história. <b>Cultura de los Cuidados</b> , n.38, 2014
2.0	Ditadura Militar  República Nova à atualidade.	Rosalda Cruz  Nogueira Paim.	Criou a Teoria Sistêmica Ecológica Cibernética de Enfermagem.  Primeira Enfermeira Parlamentar e negra.	Biografia.	TEIXEIRA, E. R. et al. Rosalda paim: uma enfermeira para além de seu tempo. <b>Brazilian Journal of Nursing</b> , v. 11, n. 2, 2012.
				História de vida.	CURSINO, E. G. Rosalda Paim: o significado da concessão do título de professor emérito outorgado pela Universidade Federal Fluminense. <b>S Afr Med J</b> , v. 15, n.2, 2016; 15(2) p. 109-113, 2016.
				Análise documental dados primários.	MOREIRA, L. <b>MULHERES NO PARLAMENTO:</b> Trajetória, atuação parlamentar e construção das políticas sociais de gênero no Poder Legislativo Estadual do Rio de Janeiro. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2010.

				Análise documental de dados secundários.	MARQUES R. C. <b>As faces de Rosalda Paim: suas contribuições para a enfermagem que praticamos.</b> Monografia, Niterói, 2016.
				Biografia.	Universidade Federal Fluminense – UFF. <b>Memorial interativo.</b> Niterói. 2015. Disponível em: <a href="http://www.rosaldapaim.uff.br">www.rosaldapaim.uff.br</a> . Acesso em : 15 mar 2018.
3.0	Ditadura Militar.  República Nova à atualidade.	Izabel dos Santos.	Idealizadora do PROFAE.	Entrevista.	SANTOS, I. Izabel dos Santos: fazendo história na história da enfermagem brasileira. <b>Rev. esc. enferm. USP</b> , São Paulo, v. 41, p. 853-858, dez. 2007 .
				História temática de vida.	PAIVA, C. H. A. Izabel dos Santos and the training of the health workers. <b>Ciênc. saúde coletiva</b> , Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1785-1793, jun, 2015.
				História Oral de Vida.	PAHO TV. <b>Trabalho e Formação em Saúde: a trajetória de Izabel dos Santos.</b> 2010.

4.0	Ditadura Militar.  República Nova à atualidade.	Maria Stella de Azevedo dos Santos	Enfermeira, Iyalorixá, militante do povo negro e do povo de santo, escritora e imortal da Academia de Letras da Bahia.	História Temática de Vida.	CAMPOS, V. F. A. <b>Mãe Stella de Oxóssi</b> : perfil de uma liderança religiosa. Jorge. Zahar: Rio de Janeiro. 2003.
				Discurso transcrito.	OXÓSSI, M. S. DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 33. <b>Revista da Academia de Letras da Bahia</b> , n. 52, 2014.
				Discurso transcrito.	FRAGA, M. MÃE STELLA DE OXÓSSI — ODÉ KAIODÊ: Saudação à acadêmica. <b>Revista da Academia de Letras da Bahia</b> , n. 52, 2014.
				História Oral de Vida.	TVUFBA. 750. <b>PERFIL - Mãe Stella de Oxóssi. 2015.</b>
				Texto de mídia aberta.	LITERAFRO. <b>Mãe Stella de Oxóssi</b> . Minas Gerais 2018.
				Entrevista.	

					MARIANO, A. <b>Entrevista com Mãe Stella de Oxóssi.</b> 2001.
				Texto de mídia aberta.	VAINSENCER, S. A. <b>Mãe Stella de Oxóssi.</b> Recife.
				Texto de mídia aberta.	CARDOSO, T. Os poderes da Mãe Stella. <b>Rede Brasil Atual.</b> 2013.
				Texto de mídia aberta.	G1BAHIA. <b>Mãe Stella de Oxóssi deixa terreiro com companheira e mudança gera conflito com integrantes do templo na Bahia.</b> Salvador. 2018.

### 5.1 Maria Jose Barroso, a Maria Soldado

Maria Jose Barroso, depois conhecida como “Maria Soldado” (ver figura n.3), nasceu em Limeira, no dia 1º de dezembro de 1895 vivia em São Paulo, e trabalhava como cozinheira para a família Penteado Mendonça até ir para a guerra civil da revolução constitucionalista de 1932, inicialmente, seus feitos e posicionamento político eram exercidos como “enfermeira” da Legião Negra, posteriormente passando a atuar na linha de frente de batalha (LOW, 2014; CAMPOS, 2015; FERREIRA, 2014).

Figura 3: Maria José Barroso, a Maria soldado.



Fonte: <http://www.malcolmforest.com/pdk/maria-soldado.htm>

Maria Soldado foi uma notória enfermeira de guerra. As mulheres, inclusive as negras majoritariamente participaram ativamente na revolução constitucionalista como enfermeiras. O alistamento como enfermeira era condicionado a cursos intensivos de saúde e cuidados de enfermagem. Sua atuação se concentrava nos hospitais de sangue e nos postos de emergência das brigadas e frente de batalha. É nesse contexto que Maria Soldado exerceu o cuidado e se destacou recebendo o título de enfermeira pela imprensa e um temporário reconhecimento social (FERREIRA, 2014).

Campos (2008) ao estudar as imagens produtoras do ser enfermeira, identifica que ao longo dos tempos uma dessas imagens é a mulher que cuida de doentes e feridos. O autor discute que essas mulheres não tinham formação profissional ou a tinha de forma limitada, e eram chamadas de enfermeiras. Contudo, não havia o reconhecimento social no que tange a status de profissão, pois mesmo não sendo religiosas o cuidado se constituía no imaginário social a partir de ideais religiosos como a abnegação e servidão. Essa concepção de identidade dada a mulher que exercia o cuidado constitui-se a partir de gênero.

Para Connel (2015) o gênero se estabelece como construção social historicamente situada na perspectiva de produção a partir do corpo. Neste contexto, a mulher é atribuído o cuidar, e esse mérito não lhe é conferido enquanto pessoa ou profissional mas é atribuído a religiosidade. No entanto, ela se torna produtora ao manter trabalhadores e soldados vivos e saudáveis.

Posteriormente passou a defender a revolução constitucionalista na linha de frente da batalha, onde teve esse feito reconhecido pela sociedade e jornais da época. Como podemos notar por um trecho de jornal em 5 de setembro de 1932, onde o jornal A Gazeta referiu-se:

a uma mulher de cor, alistada na Legião Negra, vencendo toda sorte de obstáculos e as durezas de uma viagem acidentada, uniu-se aos seus irmãos negros em pleno entrenchamento na frente do sul, descrevendo a página mais profundamente comovedora, mais profundamente brasileira, da campanha constitucionalista, ao desafiar a morte nos combates encarniçados e mortíferos para o inimigo, MARIA DA LEGIÃO NEGRA! Mulher abnegada e nobre da sua raça. (LOW, 2014).

A Maria soldado vivia um contexto sócio-histórico importante para o país, o qual se faz necessário compreender. A república velha era marca da política do café com leite, onde presidentes indicados pelos estados de Minas Gerais e São Paulo se sucediam no poder. Em 1929 lideranças de São Paulo quebra a aliança e indica o paulista Júlio Prestes a candidatura da presidência com o apoio de 17 estados, em resposta ao governador de Minas indica o gaúcho Getúlio Vargas e João Pessoa como vice com o apoio do Rio Grande do Sul e Paraíba. Júlio Prestes é em 1 de maio em 1930 mas não assume pois ocorreria o Golpe de Estado conhecido como o Golpe de 30 que depôs o então presidente Washington Luís em 24 de outubro de 1930 (LOW, 2013; FERREIRA, 2014; CAMPOS E, 2015).

O Golpe de 30 aconteceu por ação de um grupo armado que se formou diante da crise econômica vivida por causa da quebra da bolsa de valores de New York em 1929 agravado pelo assassinato de João Pessoa. O período ficou conhecido com Revolução de 30 e pôe fim a república velha. Getúlio Vargas assume a presidência em um governo provisório que funcionava por meio de decretos, indicou interventores para o governo dos estados, inclusive

para São Paulo, e revoga a constituição de 1891 (LOW, 2013; FERREIRA, 2014; CAMPOS, 2015).

A crise econômica e a má administração dos interventores constituíram-se fatores importantes para a elite paulistana convocar a população por meio da imprensa para incitar uma eleição de constituinte. Nesse período, 7 de março de 1932 Getúlio Vargas indica um interventor paulista para São Paulo, Pedro Manuel de Toledo que com apoio popular cria um secretariado independente do governo nacional. A insatisfação popular permanece em São Paulo e um dos comícios de protestos morre quatro jovens conhecidos pela sigla MMDC, o fato gera revoltas e manifestações. Em 9 de julho de 1932 tem início a revolução constitucionalista para depor Vargas e reconstitucionalizar o país. A guerra civil durou 87 dias e termina em 4 de outubro de 1932 com a derrota dos paulistas e milhares de mortos e feridos. E, em julho de 1934 foi promulgada a nova constituição (LOW, 2013; FERREIRA, 2014; CAMPOS, 2015).

A historiografia da revolução constitucionalista de 1932, traz a narrativa de um batalhão, a Legião Negra ou Pérolas Negras como ficaram conhecidos. Este batalhão era composto majoritariamente por homens e mulheres negras, e também em pequena parcela por índios chegando a reunir 3500 voluntários negros. Os soldados negros que compuseram a legião, em sua maioria, foram oriundos da FNB, entretanto esta enquanto instituição se manteve isenta no movimento revolucionário uma vez que as ideias da revolução constitucionalista atendiam aos interesses da elite paulista branca. Segundo Low (2013) os homens e mulheres negras que se alistaram como voluntários tinham como esperança melhoria da qualidade de vida a partir dos ideais de ascensão social, porém eram poucos. A maioria deles decidiram por ingressar na guerra civil devido à melhoria imediata da situação social de suas famílias, pois seus filhos passaram a ter melhor moradia, alimentação, assistência educacional e de saúde e eles recebiam um salário para combater.

Os soldados negros combatiam em linha de frente sem preparação, munição e outras provisões de guerra sendo usados pelos paulistas brancos, pois estes compunham a elite mentora e financiadora do movimento e a classe média se colocava em menor quantidade na luta. Logo, observamos a partir da discussão de Munanga (2003) sobre raça/racismo a ideia de sujeição que pessoas negras são submetidas como característica do racismo. Foi nesse contexto de desvalorização da vida de pessoas negras que a Legião Negra foi dizimada, e seus heróis esquecidos pela historiografia, assim como Maria Soldado (LOW, 2013; CAMPOS, 2015).

Maria Soldado viveu num contexto histórico da Missão Peterson. Esse movimento ideológico racista foi encabeçada pela elite dominante branca de médicos e advogados e pregava a eugenia que se fundamenta principalmente na teoria de Darwin ao difundir que

peças negras traziam uma força biológica de hereditariedade para o corrompimento social e fonte de doenças. O negro era caracterizado como indisciplinados, ignorantes, viciosos, violentos, criminosos, promíscuo fonte e transmissor de doenças (CAMPOS, 2007). E, suas habitações e espaços socioculturais eram espaços que sediavam essa degeneração social e de saúde. Segundo Campos (2007), nesse contexto de eugenia como política de estado que o corpo da mulher negra era visto como instrumento de sexo banal, promíscuo e difusor de doenças.

A Missão Peterson era cientificamente difundida e se tornou uma política de estado na república velha que se estendeu e possui seus resquícios nos dias atuais a contribuir para a estruturação do Racismo. As suas ações conduziram uma reforma sanitária, criação de políticas públicas, associações, congressos os quais promoveram ações de limpeza social. (CAMPOS, 2007) As cidades passaram pelo processo de higienização, habitações populares (os chamados cortiços) foram destruídos, ruas e avenidas remodeladas e higienizadas sem negros na rua, e nesse momento histórico houve o incentivo maciço da imigração europeia, todas essas ações visavam o embranquecimento do Brasil. O objetivo era a partir da eugenia tornar o Brasil um país socialmente superior ao acabar com as condições sociais degradantes trazidas pelo povo negro, principalmente pela miscigenação evidenciada pela cor da pele e traços anatômicos. É nesse contexto sócio-histórico que se fundamentam a exclusão da mulher negra na sociedade e na enfermagem. (CAMPOS, 2008)

Maria Jose Barroso, a “Maria Soldado” faleceu na cidade de São Paulo em 11 de fevereiro em 1958. Após a revolução constitucionalista de 1932 a heroína caiu em esquecimento pela sociedade paulista e brasileira, assim como os milhares de homens e mulheres negras que compuseram a Legião Negra e que lutaram e morreram por uma pátria e um estado que os não reconheciam como importante para o país (LOW, 2014).

A historiografia do Brasil e da enfermagem não produziram narrativas que contasse a história desta mulher que é uma personagem história de importância para o país e para a enfermagem. Assim, situamos Maria Soldado no estudo de Silveira (2014) que afirma a necessidade de se analisar o lugar da mulher negra na sociedade a partir da interseccionalidade entre gênero e raça. Logo, a mulher negra é colocada no último extrato das camadas sociais, ocupando um lugar de invisibilidade.

Sabe-se que em 1957 com o jubileu de prata do movimento constitucionalista, Maria Soldado foi escolhida como mulher “símbolo de 32”, e como heroína da revolução, seus restos mortais repousam no panteão dos heróis da Revolução, simbolizado pelo grande e imponente obelisco no Parque do Ibirapuera na cidade de São Paulo (LOW, 2013; CAMPOS, 2015).

Na época de Maria Soldado, existiam algumas poucas escolas de enfermagem no Brasil como a escola de enfermagem Alfredo Pinto ligada ao hospital de Alienados no Rio de Janeiro que não era considerada uma escola oficial, e a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública fundada em 1923, a qual não admitia mulheres negras. E, posterior a revolução de 32 a Escola de enfermagem da USP criada em 1940, que passou admitir mulheres negras a partir da segunda turma em 1943. Contudo, Maria Soldado não ingressou em uma instituição de nível superior para diplomação em Enfermagem (LOW, 2014). Segundo Campos (2008) o ideal de mulher para compor a enfermagem profissional no Brasil era ser “branca, culta, jovem e saudável”, assim excluía – se as mulheres negras como Maria Soldado.

Lily Löw e Taka Oguisso (2014, p. 3) no artigo Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história que tem por objetivo dar visibilidade a Mary Mary Jane Seacole e Maria Soldado, enfermeiras negras excluídas da historiografia da enfermagem internacional e brasileira respectivamente, as autoras abordam a importância de Maria Soldado na história da enfermagem, afirmando –a como precursora da enfermagem moderna no Brasil. Sem dúvidas, seu posicionamento político e suas ações num contexto social de exclusão, tensão política e reconfiguração política do Brasil evidenciaram o cuidado, a essência da enfermagem. A evidência do cuidar conferiu visibilidade a profissão de enfermagem que nesta época inicializa sua profissionalização e jornada político-social para o reconhecimento pela sociedade brasileira (OGUISSO, 2011; LOW, 2013).

## **5.2 Rosalda Cruz Nogueira Paim, Teórica de Enfermagem e Primeira Enfermeira Parlamentar e Negra**

Rosalda Cruz Nogueira Paim (figura n. 4) nasceu em Vila Velha, ES em 25 de agosto de 1928, mas foi registrada no dia 26 de agosto. Filha de Valeriano Rodrigues da Cruz e Lindaura Evangelista Cruz. Foi casada com Edson Paim, também professor universitário, com quem teve cinco filhos, os quais lhe deram 12 netos e um bisneto. Rosalda Paim se auto-afirmava parda. Faleceu em 02 de junho de 2015, na cidade do Rio de Janeiro (MOREIRA, 2010; CURSINO, 2016).

Figura 4: Enfermeira Dr<sup>a</sup> Rosalda Paim.



Fonte: [www.rosaldapaim.uff.br](http://www.rosaldapaim.uff.br)

Rosalda Paim iniciou o curso em Enfermagem em 1947 pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa – EEAAC da Universidade Federal Fluminense – UFF, na época denominada Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, graduando - se em 1950 (ver figura n. 5). Posteriormente cursou o Bacharelado em Pedagogia no período de 1953 a 1956, e em 1957 licenciou-se no mesmo curso pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFF. (MOREIRA, 2010). Especializou-se nas áreas de Pediatria, Administração Hospitalar e Saúde Pública. Realizou mestrado em Educação na Faculdade de Educação da UFF e Doutorado em Enfermagem Materno-Infantil, defendendo tese de livre docência pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1975 (CURSINO, 2016).

Figura 5: A Enfermeira Rosalva Paim.



Fonte: [www.rosaldapaim.uff.br](http://www.rosaldapaim.uff.br)

Rosalda Paim inicia suas atividades de docência na década de 1950 na Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro. Lecionou em várias disciplinas de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu, destacando-se as áreas de Materno-Infantil, Saúde Pública e de Metodologia da Pesquisa (CURSINO, 2016). Nomeada através de concurso público Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiatria da EEAAC/UFF, ocupou o cargo de chefia no período 1990-1992. Na década de 1990, com forte atuação no grupo de docentes que iniciou discussões para a criação de um curso de mestrado na EEAAC/UFF obteve bons resultados em 2005 com a criação do Mestrado Profissional em Enfermagem Assistencial e em 2008, a criação do Mestrado Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde. (CURSINO, 2016)

Paim foi mentora do Programa Integrado de Saúde Materno-Infantil - PISMI e o Programa Docente Assistencial na Área da Saúde - PIDAS. Estes programas se estendiam na cobertura à saúde da população de Niterói, a partir dos princípios hierarquização e organização dos serviços de saúde local, e viabilizava a ação docente- -assistencial. Estes programas

resultaram na implantação da Triagem Geral do Hospital Universitário Antônio Pedro - HUAP com um sistema de referência e contra-referência. Criou, também o Núcleo de Atenção Primária à Educação e Saúde - NAPES e a Creche Comunitária Rosalda Paim (CURSINO, 2016).

Pode se observar, segundo Cursino (2016) que Paim teorizava e aplicou conceitos da gestão de serviços de saúde preconizados no Sistema Único de Saúde bem antes deste sistema de saúde ser criado. E, demonstrou sua marcante atuação política nas atividades institucionais da UFF, destacando-se o Conselho Universitário e nas entidades de classe da enfermagem como a Associação Brasileira de Enfermagem -ABEn seção Niterói - Rj, onde foi presidenta e coordenadora da Comissão de Educação. (CURSINO, 2016; TEIXEIRA, 2012)

Na pesquisa destacou-se, ao elaborar a Teoria Sistêmica Ecológica Cibernética de Enfermagem, objeto de sua tese de livre-docência em 1974, e dos livros Metodologia Científica de Enfermagem, Um paradigma para a Enfermagem e o Sistemismo Ecológico Cibernético, o livro de maior destaque (CURSINO, 2016).

Sobre a Teoria Sistêmica de Paim, Teixeira et al., (2012, p. 4) afirma que:

A tônica da visão sistêmica, ecológica, cibernética e informacional desenvolvida por Paim, quando aplicada à assistência em saúde, seria a ampliação do espaço corporal do sistema humano (pessoa, família, comunidade, sociedade) assistida ou cuidada, a fim de abranger seu ambiente imediato ou próximo.

A análise deste conceito permite afirmar que Paim preconizava um modelo ampliado de saúde e cuidado quando ela potencializa a possibilidade de assistência a saúde a partir das necessidades humanas básicas para a necessidade global em saúde, colocando em evidência a relação entre homem e o meio (TEIXEIRA, 2012). Segundo Marques (2016) a teoria da enfermeira Rosalva Paim em aplicabilidade torna-se mais ampla que a teoria de Wanda Horta que se concentra apenas nas necessidades humanas básicas. No entanto, esta é mais difundida no meio acadêmico e também mais utilizada na prática da Sistematização da Assistência de Enfermagem.

A teoria sistêmica de Paim visava romper com o modelo hegemônico curativista a o trazer conceitos que ainda não eram discutidos e utilizados no sistema de saúde como, integralidade, humanização, hierarquização dos serviços, referência e contra-referência. Para Marques (2016) Paim estava para além da sua época ao utilizar esses conceitos pós-modernos de aplicabilidade na saúde e na enfermagem, os quais viabiliza a aplicabilidade dos princípios

do Sistema Único de Saúde – SUS. Notoriamente Paim contribui para o desenvolvimento do SUS e práticas de cuidados na enfermagem.

A enfermeira Rosalda Paim viveu e construiu sua trajetória pessoal e profissional em contextos históricos importantes para o Brasil. Os períodos mais notórios foram a Ditadura Militar e o processo de redemocratização do país com a Constituição de 1988 e a criação do SUS. (MARQUES, 2016)

A Ditadura Militar inicia-se com o golpe de 1964, um regime que durou 25 anos tendo fim em 1989 com as eleições presidenciais. O regime caracterizava-se pelo o controle de segmentos das Forças Armadas no controle absoluto do aparelho do Estado e concentração de poder da presidência exercida pelos militares (CONDATO, 2005)

No período da Ditadura militar o cenário sócio-político brasileiro era marcado por tensões e conflitos, os direitos civis foram caçados e qualquer tipo de manifestação a arbitrariedade do governo era reprimida, na maioria das vezes com uso de violência. O cenário sociocultural do cotidiano do brasileiro mudou, a ditadura controlava e oprimia todo tipo de vivência social que fosse contrária ao governo ou que não a sustentasse. A produção científica e em artes se destacam do governo de opressão, notoriamente porque a sua produção se voltavam ao governo em críticas e tentativas de romper com esta dominação (CONDATO, 2005).

Em 1985 o governo a ditadura militar começa chegar ao fim com um governo civil de transição, o governo Sarney; a constituição de 1988 é promulgada nesse período de transição da redemocratização e as eleições presidenciais acontecem em 1989. As discussões e reflexões acontecem para a reestruturação do novo Estado, inclusive a construção do SUS. Contudo, este processo de transição deu lugar a dominação liberal do neocapitalismo nos próximos governos até os dias atuais. Nesse contexto, a luta pela garantia de um Estado que atenda às necessidades sociais reais da população como direito continua, nesse contexto encontramos a Rosalda Paim (TEIXEIRA, 2012; CONDATO, 2005).

Durante o período de ditadura ela defendeu a democracia e os direitos humanos sofrendo opressão. Segundo Teixeira et al (p.4 ,2012) Paim relata muitos fatos onde foi oprimida pela ditadura, um deles quando a sua casa foi invadida por agentes do regime e teve seus livros subtraídos por serem considerados subversivos. Posteriormente, com o fim do regime ditatorial participou na fundação do Partido Democrático Trabalhista -PDT em Niterói-RJ e foi uma das responsáveis pelo processo de democratização dos serviços públicos de saúde na década de 80 com a criação do SUS, tendo destaque em Niterói ao participar das pré-conferências e

conferências municipais de saúde contribuindo com seus conhecimentos e produções na área (TEIXEIRA, 2012).

A trajetória profissional de Rosalda Paim é norteadada por marcos teóricos, sociais e políticos da virada do século XX para o XXI no Brasil e no Estado do Rio de Janeiro, de modo que a mesma teve um papel de destaque no processo de modernização da enfermagem brasileira, na formação do enfermeiro e profissionais de saúde, na democratização brasileira e na mudança de paradigma na atenção em saúde. A biografia de Paim contextualiza-se no período que abarca a fase desenvolvimentista do Brasil, período dos movimentos sociais de base e período ditatorial, quando houve conquistas sociais na saúde e processo de redemocratização do país. Nessa época, Paim teve uma participação política efetiva, culminando na sua eleição como deputada estadual, quando criou vários projetos sociais (MARQUES, 2016).

Rosalda Paim, a primeira enfermeira parlamentar e negra do Brasil, exerceu o mandato de Deputada Estadual do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrático Trabalhista - PDT no período de 1983 a 1987. Utilizando-se de sua formação em educação, saúde e enfermagem Paim criou e teve aprovada 20 leis na área de saúde e assistência social, assim ela exerceu uma atuação política notória e importante para a sociedade carioca e brasileira. (MOREIRA, 2010)

O arcabouço de legislações não apenas melhorou o sistema de saúde, educação e assistência social de Niterói, como trouxe contribuições reflexivas e tidas como modelo para o país, torna-se importante destacar a lei que proíbe a coleta remunerada de sangue, a que cria o sistema estadual de creche, institui o dia da pessoa idosa; cria o serviço de saúde do adolescente, a que implanta o Alojamento Conjunto nos Hospitais da Rede Pública Estadual e a da obrigatoriedade de instalação de conselhos de saúde (CURSINO, 2016).

A sua atuação enquanto figura política e parlamentar transcendia a criação de leis, Rosalda Paim foi ativista do movimento negro e feminista e colocava a temática em evidência na sua trajetória. Torna-se interessante notar o estudo de Lourdes Moreira (p.85, 2010) que ao sistematizar a entrada de mulheres negras no Parlamento do Estado do Rio de Janeiro no período de 1975 à 2007, identificou que nesse período de 32 anos, Rosalda Paim foi a única mulher negra parlamentar. Este dado caracteriza-se de notória importância de representatividade para as mulheres negra e enfermeiras negras.

A consideração acima corrobora com Campos (2008, p.3) quando este afirma que:

Quando pensamos em enfermagem ou enfermeiro evocamos códigos, imagens, representações que, dadas a priori, nos permitem reconhecer pessoas, abstrair conceitos, visualizar lugares, paisagens e legitimá-las como tal. Assim, a perspectiva faz pensar que identidade é ao mesmo tempo algo mutante e mutável, revelada pela inexorável condição biológica que torna as pessoas únicas, tanto como pela cultura, profissão e estilo de vida adotado.

Quadro 1: Leis de autoria da Enfermeira Dr<sup>a</sup> Rosalda Paim

Lei: 682-1983. Ementa: Institui o Dia Estadual da Pessoa Idosa. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 835-1985. Ementa: Dispõe sobre a implantação e funcionamento de alojamentos conjuntos nas maternidades do estado e dos municípios. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 837-1985. Ementa: Dispõe sobre a legislação do sistema estadual de creches. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 898-1985. Ementa: Dispõe sobre a fixação, nas delegacias de Polícia Civil, de cartaz indicando o nome do pessoal de serviço e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 903-1985. Ementa: Dispõe sobre o exercício em cargo de confiança na administração pública do estado do Rio de Janeiro por proprietário e/ou sócio de empresa particular das áreas de saúde e/ou de educação instalada no estado do Rio de Janeiro. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 914-1985. Ementa: Institui o Dia do Floricultor e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 924-1985. Ementa: Cria o Serviço de Saúde ao Adolescente nos hospitais, centros e postos de saúde estaduais e municipais do estado do Rio de Janeiro. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 930-1985. Ementa: Dispõe sobre a Proibição de Propaganda de Retribuição Pecuniária de Doadores de Sangue e dá Outras Providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 985-1986: Dispõe sobre a afixação nos estabelecimentos que lidam com gêneros alimentícios, de cartazes, indicando o órgão de fiscalização sanitária, ao qual estão jurisdicionados. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 987-1986. Ementa: Dispõe sobre a concessão de passagem gratuita nos ônibus e barcas para praça de pré das forças armadas e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 988-1986. Ementa: Dispõe sobre a instalação de um degrau mais baixo nos ônibus do estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 989-1986: Dispõe sobre a criação de Conselhos Comunitários em todas as unidades de saúde, de educação e de assistência social da administração direta e indireta do estado do Rio de Janeiro. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1046-1986. Ementa: Denomina de Ciep Roberto Silveira o Centro Integrado de Educação Pública a ser inaugurado no Horto Fonseca. Autoria: Rosalda Paim.

Lei: 1048-1986. Ementa: Denomina de Escola Estadual Alexandre Rodrigues Lutter Bach a Escola Estadual Fazenda Mount Vernon, que funciona em Euclidelândia, 3º. Distrito de Cantagalo-Rj. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1058-1986. Ementa: Dispõe sobre a instalação e funcionamento de Comissão de Infecção Hospitalar. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1062-1986. Ementa: Dispõe sobre a reverência por parte das escolas estaduais ao Dia Mundial da Paz e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1072-1986. Ementa: Cria o Programa de Desenvolvimento Artesanal do Estado do Rio de Janeiro - Prodarj, e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1079-1986: Ementa: Denomina CIEP - Maria Joaquina de Oliveira o Centro Integrado de Educação Pública - construído no Km. 49 da antiga estrada Rio/São Paulo em Seropédica - Itaguaí -RJ. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1097-1986. Ementa: Autoriza o Poder Executivo a criar uma Comissão Coordenadora de Ações de Saneamento. Autoria: Rosalda Paim.
Lei: 1114-1987. Ementa: Determina a institucionalização do Programa Estadual de Planejamento Familiar e dá outras providências. Autoria: Rosalda Paim.

Fonte: Dissertação de mestrado trajetória, atuação parlamentar e construção das políticas sociais de gênero no poder legislativo estadual do Rio de Janeiro.

A enfermeira Rosalda Paim recebeu inúmeras homenagens em sua trajetória de vida, mas a que tem maior destaque foi a outorga do título de Professor Emérito da UFF concedida no dia 17 de maio de 2016, no auditório “Dra. Rosalda Paim” da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC). O título é concedido a docentes pesquisadores que tiveram destaque excepcional em sua trajetória acadêmica na instituição ao contribuir significativamente para a ciência e comunidade acadêmica da instituição. O rol de homenagens concedidas a Rosalda Paim demonstra o reconhecimento social enquanto acadêmica, parlamentar e cidadã (TEIXEIRA, 2012).

#### Quadro 2: Títulos e homenagens concedidas a Enfermeira Dr<sup>a</sup> Rosalda Paim

1. Título de Professor Emérito da Universidade Federal Fluminense
2. Inclusão no rol de Cientistas Brasileiros, pela UFF
3. Título de “Primeira Enfermeira Parlamentar do Brasil”
4. Título de cidadã do estado do Rio de Janeiro, atribuído pela Assembleia Legislativa

5. Instituição da Semana de Estudos e Pesquisas Rosalda Paim, da EEAAC/UFF
6. Denominação de Creche Comunitária Rosalda Paim a uma Unidade Municipal de Ensino Infantil da prefeitura de Niterói/RJ
7. Denominação de “Anfiteatro Dra. Rosalda Paim”, nome dado ao auditório principal da EEAAC/UFF
8. Denominação de “Estádio Esportivo Rosalda Paim (ROSALDÃO)”, atribuída pelo câmara municipal de Anastácio/MS
9. Título de professor emérito outorgado pela Fundação Educacional Serra dos Órgãos (FESO), Teresópolis/RJ
10. Patrona, Parainfa e nome de várias turmas de formandos de faculdades de enfermagem em Niterói, e situadas no Rio de Janeiro, Teresópolis, Duque de Caxias e Volta Redonda
11. Título de cidadã dos municípios fluminenses de Duque de Caxias, Niterói e de Italva e de Anastácio, no Mato Grosso do Sul, atribuídos pelas respectivas câmaras de vereadores.

Fonte: [www.rosaldapaim.uff.br](http://www.rosaldapaim.uff.br)

### 5.3 Izabel Santos, a Idealizadora do PROFAE

Izabel dos Santos, enfermeira negra nasceu em Pirapora - MG, no dia 07 de março de 1927(figura. 6). Graduou-se em enfermagem em 1950 pela Escola de Enfermagem Hugo Werneck, em Belo Horizonte. Apesar da mulher negra adentrar as Escolas de Enfermagem no Brasil com o pioneirismo da EEUSP em 1943 Campos (2012) demonstra que essas mulheres não eram isentas das estruturas racistas que fundamentaram a criação das escolas situada no período da Missão Parsons. O modelo de regra de condutas e cuidados corporais refletiam a política de branqueamento ao instituir um padrão estético das enfermeiras. Todavia, o autor afirma que as mulheres negras recriam o seu lugar na história do cuidado ao se profissionalizar enfermeira. É neste lugar na história que localizamos a trajetória de Izabel Santos.

Figura 6: A Enfermeira Izabel dos Santos.



Fonte: Nescon – UFMG

A enfermeira negra Izabel Santos iniciou sua trajetória profissional no Serviço Especial de Saúde Pública – SESP ligado a Opas - Organização Panamericana de Saúde na década de 50, onde atuou por 20 anos, posteriormente passou a integrar o quadro de professores Universidade Federal de Pernambuco - UFPB e por fim retoma seu vínculo com a OPAS em 1976, onde atuou como consultora até 1997, assessorando o Ministério da Saúde. A sua contribuição de maior destaque está na formação profissional de enfermagem, sobretudo no nível técnico com a idealização do Programa de Qualificação de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem – PROFAE (PAIVA, 2015; SANTOS b, 2007).

O SESP foi criado em julho de 1942, sob um acordo entre o governo brasileiro e norte-americano, logo era financiado por recursos nacionais e internacionais. A fundação estava ligada ao Departamento Nacional de Saúde – DNS do Ministério da Educação e Saúde – MES, entretanto possuindo autonomia jurídica, administrativa e financeira (CAMPOS, 2007).

O contexto histórico da criação do SESP é a Segunda Guerra Mundial. O Brasil entra na guerra sendo um importante fornecedor de borracha a os países aliados e de território estratégico. Assim a criação da SESP tinha como objetivo criar condições sanitárias que promovesse melhores situações de saúde para os exploradores de borracha do Amazonas e de minérios no Vale do Rio Doce, e para a instalação dos norte-americanos no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (CAMPOS, 2007).

O campo de atuação do SESP era em assistência à saúde e prevenção de doença. A assistência à saúde organizava-se em distritos sanitários os quais abrangiam as unidades sanitárias, postos de saúde e ambulatórios. E para a prevenção de doenças fundamentavam-se na educação em saúde e o treinamento de pessoal. Em 1960 o SESP se desvincula dos Estados Unidos (CAMPOS, 2007).

No SESP, Izabel Santos desenvolveu inúmeras funções na área e estabeleceu sua formação, construindo uma sólida trajetória profissional de contribuições para o sistema de saúde. Inicia seus trabalhos na sua cidade natal, Pirapora, onde organizou os serviços locais de saúde e organizou a formação de pessoal de enfermagem, lavanderia, cozinha e limpeza. Logo, percebe-se que Izabel inicia sua atuação na área da formação da enfermagem ao ser recém formada e contratada (PAIVA, 2015).

A sua prática como sanitaria na SESP passou a ser cada vez mais notória. A Izabel relata: "... eu não organizei apenas um hospital, mas vários hospitais, muitos serviços, várias unidades sanitárias... Então, eu passei a ser uma referência para essa função como funcionária da SESP (PAIVA, 2015). Devido ao destaque de sua competência passa a ser Supervisora Regional do Serviço e posteriormente passa a integrar a os diversos segmentos de formação em saúde e enfermagem da SESP. Durante este período ela atuou no planejamento, organização e oferta de vários cursos e programas, mas o Larga Escala teve destaque ao formar duas mil pessoas como auxiliar de saúde na atenção básica (PAIVA, 2015; SANTOS, 2007).

Izabel Santos vive o contexto da Ditadura Militar, ao iniciar a docência na Escola de Enfermagem de Recife ligada a UFPB. As suas atividades nesta universidade se concentrava na área de formação dentro de um novo modo de atuação, a academia. Assim, Izabel encontra espaço para ampliar suas ideias sobre formação para o campo da formação com comprometimento político-social. Podemos observar o seu posicionamento político quando Paiva (2008, p.6) traz a fala de Izabel:

O meu objetivo era fazer com que elas as estudantes de enfermagem saíssem do mundo pequeno em que viviam. Eu costumava dizer, vocês são cidadãs, vocês têm que saber o que está acontecendo na vida e o jornal retrata coisas que estão ocorrendo. Elas não liam nada, não iam à biblioteca, nem a lugar algum. Era terrível! Era todo mundo nas apostilinhas vagabundas e tomando nota de todos os nossos suspiros [...] Era importante que elas soubessem quais eram os temas que estavam em discussão na sociedade, elas precisavam analisar e refletir sobre as coisas.

Izabel trazia o conceito de cidadania como uma necessidade do processo de formação. A sua trajetória como enfermeira do SESP lhe possibilitou experiências que a colocou no campo das discussões sobre a Saúde Coletiva, na época denominada Saúde Pública, em vários períodos históricos conferindo-lhe considerável arcabouço de conhecimento na área. Segundo Paiva

(2015) a observação das modificações dos contextos de saúde ao longo do tempo a permitiu exercer um pensamento social em saúde focado em transformações de realidades sociais, principalmente no que tange a formação de trabalhadores em saúde.

A Izabel dos Santos se posicionou contra o modelo de educação na área de saúde no período vigente da Ditadura. A educação era voltada para uma formação que visava o treinamento dos profissionais de saúde, a estes apenas cabia o aprendizado de um conhecimento técnico apolítico. Assim o modelo de ensino legitimava o governo militar de ditadura. Izabel, como muito dos brasileiros da época insatisfeita se posiciona contra o governo e passa a participar de manifestações de apoio aos presos políticos, passando a enfrentar intimidações e a constante vigia da polícia (PAIVA, 2015; SANTOS, 2007).

A idealização do PROFAE - Programa de Qualificação de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem notoriamente foi a maior contribuição de Izabel Santos para a Enfermagem. A iniciativa da criação do programa surge quando a lei federal nº 7.498 definiu que a enfermagem é exercida privativamente pelo enfermeiro, pelo técnico de enfermagem, pelo auxiliar e pela parteira, suspendendo a função atendente de enfermagem. A justificativa se baseia na falta de qualificação profissional que desqualificava a assistência de saúde e de enfermagem causando risco a integridade do paciente. Com a promulgação da lei uma estimativa 150 mil atendentes de enfermagem estavam exercendo a profissão ilegalmente (SANTOS a, 2007; PAIVA, 2015; SANTOS, 2007)

A iminência do desemprego repercutiu na classe e seus sindicatos que pressionaram a presidência resolver a situação. Logo, esta responsabilidade passaria a ser da assessoria da Opas no Ministério da Educação e Saúde. A Izabel Santos trabalhava na Opas como consultora e junto com uma equipe foi incumbida de criar um programa de formação. (SANTOS, 2007)

Diante a sua experiência em elaboração de cursos de formação no SESP e sua experiência docente em enfermagem na UFPB Izabel dos Santos percebeu a necessidade de criar um modelo de educação específica para a necessidades destes profissionais a partir de uma metodologia significativa. A sua pesquisa baseou-se em Paulo Freire e outros teóricos de modelos de educação do Brasil e do exterior. Após longos meses de pesquisa, organização de pessoal e construções de laços políticos ela consegue agregar universidades e outras instituições ela cria o PROFAE. O programa formou 250 mil profissionais em auxiliar e técnico de enfermagem em três anos, um feito reconhecido até nos Estados Unidos (PAIVA, 2015; SANTOS, 2007).

Segundo o COFEN (2013) na atualidade, os técnicos e auxiliares de enfermagem somam 1.389.823 profissionais, o que corresponde a 77 % do contingente da profissão. Logo, percebe-

se que estes são a maioria na prestação do cuidado a sociedade brasileira. Nesta perspectiva é de notória importância a atenção e discussão sobre a formação destes profissionais, o que relaciona-se diretamente com a qualidade da assistência à saúde no país. Os dados ainda indicam que 57,4% destes profissionais são negros, enquanto que na categoria enfermeiros os profissionais negros correspondem a 37,9%, demonstrando que a divisão social do trabalho na profissão possui cor. O cenário aqui descrito com os dados do COFEN não são diferentes da época da enfermeira Izabel dos Santos (SANTOS, 2007)

O PROFAE representa uma iniciativa que colabora com o enfrentamento da deficiência de formação e qualificação de profissionais da área da enfermagem. Gerou inúmeros postos de trabalho evitando problemas sociais de desemprego em massa e continua sendo inspiração para outros programas de formação como o PROFAPS- Programa de Formação de Profissionais de Nível Médio para a Saúde em 2009 e a organização de uma rede de escolas técnicas para o SUS, a RET- SUS. (SANTOS a, 2007)

Segundo Paiva (2008, p.8): “a contribuição de Izabel, ainda que não tivesse um horizonte teórico em suas intenções, extrapolou o âmbito da prática. Izabel teria, portanto, em primeiro plano, um papel importante na conformação de um acervo teórico e doutrinário em torno da formação de pessoal técnico em saúde”

A Izabel Santos, sem dúvida, é uma personagem histórica de importância para a enfermagem. Sua representatividade é descrita em uma entrevista concedida a Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca e Emiko Yoshikawa Egry da seguinte maneira pelas entrevistadoras:

Izabel dos Santos – mulher, negra, enfermeira, comunista, pioneira na contestação das desigualdades e iniquidades, inconformada diante da assistência de enfermagem não condizente com as necessidades de saúde da população, pelo desinteresse na qualificação dos profissionais de enfermagem de nível médio (SANTOS, 2007).

Izabel Santos faleceu em dezembro de 2010, aos 83 anos de idade, mas deixou um legado na área de formação em saúde e Saúde Coletiva. E, contribuiu para a melhoria dos serviços de saúde e de enfermagem durante sua trajetória profissional.

#### **5.4 Maria Stella de Azevedo dos Santos, a Mãe Stella de Oxóssi: Enfermeira, Iyalorixá, Escritora e Imortal.**

Maria Stella de Azevedo dos Santos, nasceu em 2 de maio de 1925, na Ladeira do Ferrão no Pelourinho em Salvador Bahia, é a quarta filha de Esmeraldo Antigno dos Santos e de

Thomázia de Azevedo Santos (figura n. 7). Descendente de africanos, sua avó materna foi Theodora Cruz Fernandes, africana de etnia egbá, um subgrupo étnico dos yorubás da Nigéria. (VAINSENCHR, 2018)

Maria Stella ficou órfã bem cedo, a os sete anos de idade, então foi adotada por sua tia, irmã de sua mãe, Archanjá de Azevedo e seu esposo José Carlos Fernandes, proprietário de um cartório na Bahia era um tabelião que possuía boas condições financeiras assim a família fazia parte da classe média da sociedade soteropolitana da época. Maria Stella estudou nas melhores escolas da elite tradicional de Salvador, e graduou-se em Enfermagem. Casou e divorciou sem ter filhos, e não aceitou a vida de casada nos moldes patriarcais que a fazia de ‘Amélia’. Hoje, convive com sua companheira, a psicóloga, escritora e filha de santo Graziela Domini na cidade de Nazaré Bahia, numa relação que dura doze anos (FRAGA, 2014; CARDOSO, 2013; CAMPOS, 2003; G1 BAHIA, 2017).

Figura 7: Enfermeira e Iyalorixá mãe Stella de Oxóssi.



Fonte: Leituras pretas.

Maria Stella de Azevedo dos Santos iniciou a graduação de enfermagem a os 15 anos de idade e se tornou enfermeira pela Escola de Enfermagem e Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia – UFBA (ver figura n. 8). Após sua formatura especializou-se em Saúde Pública e passou integrar o quadro de enfermeiras sanitaristas da Secretária de Saúde do Estado da Bahia – SESAB em um Centro de Saúde. (VAINSENCHR, 2018; FRAGA, 2014).

Sobre ser enfermeira Maria Stella (2014, p.2) diz:

“Na minha mocidade, pude conciliar a profissão com a religião, cuidando do ser humano como enfermeira sanitaria durante trinta e cinco anos, quando então me aposentei, ao tempo em que servia também aos deuses.”

Figura 8: Foto de álbum de formatura em enfermagem de mãe Stella de Oxossi



Fonte: Mãe Stella de Oxóssi: perfil de uma liderança

O histórico da Escola de Enfermagem da UFBA – EEUFBA, traz que a criação da escola surge da necessidade que o Reitor Prof. Edgar Santos observou de ter “enfermeiras de alto padrão” no hospital – escola que se fundava. A denominação “enfermeira alto padrão fazia alusão a enfermeiras formadas pela Escola de enfermeiras do DNSP. Segundo Campos c (2008) os requisitos eram ser mulher branca. Logo, Maria Stella Azevedo por ser mulher negra não atendia a todos os requisitos, porém ingressou nesta escola e se tornou uma enfermeira sanitaria e suas contribuições constituem-se de grande importância para a identidade da enfermagem no Brasil.

A enfermeira sanitaria, Maria Stella de Azevedo em entrevista a TVUFBA (2015) explica o porquê de escolher a Saúde Pública como área de atuação. Ela relata que o processo de trabalho na área lhe permitia exercer o cuidado como acreditava resolver as questões de saúde das pessoas. Ao atuar como sanitaria ajudava as pessoas em todas as idades a se

cuidarem e prevenir o adoecimento, para a enfermeira o hospital era um lugar que a limitava no cuidado, explica que a atuação neste serviço de saúde a limitava a técnicas e medicações, por outro lado como sanitarista fazia muito mais.

A enfermeira Maria Stella de Azevedo dos Santos, começou sua vida religiosa no Candomblé em 12 de setembro de 1939, aos 14 anos, quando foi iniciada por Mãe Senhora no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá no bairro de São Gonçalo do Retiro em Salvador, Bahia. O seu Orí (cabeça em yorubá) é do orixá caçador Oxóssi, logo ela recebeu o nome religioso de ODÉ KAYODE, que significa o caçador que traz alegrias. Aos 51 anos de idade, em 19 de março de 1976 foi escolhida pelo patrono do terreiro Xângo por meio do jogo de búzios e aceita pela comunidade do povo de santo como a quinta Iyalorixá do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. (VAINSENCHR, 2018).

As atribuições sacerdotais de um Iyalorixá é elucidada por Fraga (2014, p. 3) que a explica da seguinte maneira:

A mãe-de-santo é a líder religiosa, cultural e social da comunidade, aquela que transmite conhecimentos aos seus auxiliares, dirige os cultos, garante a correção dos ritos, consagra sacerdotisas e sacerdotes, e possui autoridade suprema e absoluta para exercer qualquer função dentro do terreiro, tais como substituir o sacrificador, colher plantas sagradas ou consultar o oráculo.

Contudo, a representatividade da enfermeira Maria Stella como Iyalorixá transcendeu a vida religiosa como uma sacerdotisa em cultos e ritos do Candomblé. A sua formação acadêmica e intelectual junto a convivência social com grandes nomes da literatura, música, artes entre outras, como Jorge Amado, Dorival Caymmi e Caribé possibilitou-lhe a partir do conhecimento produzido sobre o povo de santo evidenciar a discussão sobre o povo negro e sua cultura, bem como o racismo. Neste contexto, Muniz Sodré (2014, p.1) apud Literafro (2018) afirma que:

“Mãe Stella, dentro da tradição das Ialaxés do Opô Afonjá, é uma intelectual orgânica da comunidade litúrgica, dando especial atenção a trabalhos acadêmicos que digam respeito ao culto, dialogando frequentemente com escritores, artistas e jornalistas”.

Mãe Stella é reconhecida escritora tendo publicado seis livros. A grande temática de sua obra literária se concentra na cultura e tradição yorubá, no Candomblé perpassando sobre a valorização do povo negro e no povo de santo. A temática meio ambiente também se insere no universo das suas produções com o livro infantil *Epé Laiyé, terra viva*. Ainda, destaca-se como colunista da coluna Opinião dos mais respeitados jornais do norte – nordeste, o *Jornal a Tarde*, onde escreve sobre o universo da população negra. A sua escrita reflete décadas de dedicação como candomblecista e suas viagens a África, onde aprofundou seus conhecimentos sobre a língua e cultura Ioruba (VAINSENCHR, 2018; FRAGA, 2014).

Quadro 3: Livros escritos por mãe Stella de Oxóssi.

1988	E daí aconteceu o encanto, coautora Cléo Martins
2006	Õsòsi, o caçador de alegrias
2007	Õwe-Provêrbios
2009	Epé Laiyé, terra viva
2012	Opinião, livro que reúne artigos escritos quinzenalmente para a coluna Opinião do Jornal A Tarde.
2014	Abrindo a Arca

Fonte: <http://basilio.fundaj.gov.br>

A enfermeira Maria Stella, juntamente com sua família espiritual, também destaca-se em suas obras sociais de cunho educacional e cultural. No Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá foi fundada uma escola que faz parte da rede pública em convênio com a Prefeitura de Salvador que conta com 300 crianças, tanto de dentro como de fora da comunidade religiosa. A escola traz como parte de seu projeto político pedagógico o ensino da cultura yorubá e do povo negro sem impor a religião do povo de santo atendendo ao princípio do estado laico e em respeito à os alunos e funcionários de outras religiões. Outro projeto muito interessante é a Animoteca, um ônibus-biblioteca, que reúne um acervo de vários tipos literários e percorre a cidade de Salvador possibilitando a leitura à pessoas de todas as idades. E, além da biblioteca itinerante o terreiro conta com uma biblioteca que se constrói com doações, inclusive Mãe Stella doou todo o seu acervo pessoal (LITERAFRO, 2018; MARIANO, 2001; VAINSENCHR, 2018; OXÓSSI, 2014).

As iniciativas sociais não se limitam a escola e as bibliotecas. A organização religiosa possui um projeto com a Comunidade Solidária e a Unicef, onde são realizadas várias oficinas para crianças. A realização de rodas de conversa e seminários fazem parte do cotidiano da vida política dos filhos de santos e quem desejar participar, o que gera mais iniciativas sociais como o Festival Alaiandê Xirê, que já possui mais de três anos de realização, e utiliza-se do lúdico para trabalhar temas espirituais (MARIANO, 2001).

Em 1983, após uma viagem à África mãe Stella resolve criar o primeiro museu aberto em um terreiro de candomblé no Brasil, Museu Ohun Lailai. O acervo reúne as vestimentas de todas as Iyalorixás, inclusive a de Mãe Stella quando assume o Ilê Axé Opô Afonjá; utensílios utilizados pelos orixás; as louças pertencentes as comidas dos orixás; instrumentos musicais presentes nos ritos e cultos; as folhas sagradas com seus nomes em yorubá, entre outros objetos de importância para a manutenção da memória do terreiro, do candomblé e cultura yorubá (FRAGA, 2014).

A enfermeira Maria Stella de Azevedo dos Santos é uma mulher respeitada no Brasil e no exterior pelo seu engajamento na luta e defesa do povo negro. A sua representatividade ao discutir sobre inter-cultural e inter-religioso lhe constitui referência, pois ela fala de um lugar de correspondência por ser mulher negra, de santo e uma intelectual. Assim, Fraga (2014 p.3) afirma sobre sua trajetória de militância: “A religiosa tem lutado, também, pela democratização cultural, combatendo a discriminação dos negros, das mulheres, entre outras camadas sociais marginalizadas.” O seu currículo como conferencista é longo e vasto, destaca-se a Conferência Mundial de Tradição dos Orixás e Cultura, onde participou várias vezes e expôs ideias originais conquistando respeito (LITERAFRO, 2018).

Quadro 4: Eventos de destaque que teve a participação de mãe Stella de Oxóssi

Data	Local	Evento
1983	Salvador	II Conferência Mundial de Tradição dos Orixás e Cultura
1986	New York	III Conferência Mundial de Tradição dos Orixás e Cultura
1987	Benin	Semana Brasileira na República do Benin, na África.

Fonte: <http://basilio.fundaj.gov.br>

A trajetória de vida da enfermeira Maria Stella de Azevedo dos Santos vem sendo reconhecida pela sociedade pela concessão de várias homenagens por instituições sociais de respeito no Brasil e no exterior, pois suas contribuições sociais a os baianos e brasileiros são inquestionáveis. A outorga dos títulos de Doutora Honoris Causa pela UFBA em 2005, e pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB em 2009 demonstra a importância de suas contribuições para a sociedade (VAINSENCHR, 2018).

Ademais, a mulher negra, enfermeira e Iyalorixá torna-se imortal em 12 de setembro de 2013 ao assumir a cadeira de número 33 na Academia de Letras da Bahia após ser eleita por unanimidade. Por essa cadeira que tem o poeta Castro Alves como patrono, já foi ocupada pelo seu amigo, o também escritor Ubiratan Castro de Araújo (LITERAFRO, 2018).

Quadro n. 6: Prêmios e Homenagens concedidos a mãe Stella de Oxóssi.

1993	Membro Honorário Del Templo Yorubá de Porto Rico
1997	Medalha Dois de Julho
1997	Medalha Maria Quitéria – Câmara Municipal de Salvador
1999	Medalha de Ordem ao Mérito da Cultura na Classe Comendador – Presidência da República
1999	Tombamento do Ilê Axé Opô Afonjá pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
2001	O prêmio jornalístico Estadão na condição de fomentadora de cultura
2005	Medalha Zumbi dos Palmares
2005	Doutora <i>Honoris Causa</i> / UFBA
2009	Doutora <i>Honoris Causa</i> /UNEB
2010	Placa pelo centenário do terreiro Opó Afonjá – Câmara Municipal de Salvador
2013	Imortal da cadeira n° 33 da Academia de Letras da Bahia
	O troféu Esso para escritores negros
	O troféu Clementina de Jesus
	A comenda da Ordem do Cavaleiro - Governo do Estado da Bahia

Fonte: <http://basilio.fundaj.gov.br>

A enfermeira Mãe Stella de Oxóssi viveu vários períodos da construção e formação do Estado político brasileiro. Contudo, a sua atuação sócio-política e cultural se destaca a o fim da ditadura Militar e processo de redemocratização do país, período compreendido como marco entre 1985 à 1989, com a luta da minorias e movimento sociais para a tentativa da construção de uma país democrático e a criação de uma constituição que se baseie na justiça social. Neste cenário se encontra Mãe Stella como defensora da liberdade de culto e respeito do povo de santo e valorização cultural do povo negro, combatendo o racismo (CODATO, 2005; CAMPOS, 2003).

A história de vida da enfermeira e Iyalorixá Mãe Stella constrói-se de forma significativa para a história de uma enfermagem negra. Pois, Mãe Stella de Oxóssi em sua

trajetória aglutina elementos da história de mulheres negras na enfermagem, do universo sócio cultural e religioso do povo negro e o combate ao racismo. Estas unidades de análises se correlacionam e contribuem para o entendimento da mulher negra na enfermagem e na sociedade brasileira. Assim temos como resultado o que afirma Campos (p.35, 2011) : a resistência das mulheres negras frente aos juízos intolerantes e fabricações discursivas que as desqualificavam, torna-se fundamental para o estudo da formação da identidade profissional da enfermagem brasileira.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo constitui-se em uma pesquisa histórica. O resgate de memória foi realizado como a localização de quatro enfermeiras negras na literatura, mídia aberta e material iconográfico (vídeo). A história pessoal e profissional das enfermeiras negras Maria Soldado, Rosalva Paim, Izabel Santos e Mãe Stella de Oxóssi foi resgatada, descrita e discutida sob a perspectiva de gênero, raça e classe. As narrativas históricas dessas enfermeiras negras demonstraram que elas desempenharam papel de suma importância na história da enfermagem, e suas contribuições influenciaram a construção da identidade da enfermagem no Brasil. Entretanto, não possuem visibilidade social.

Ao se construir a partir do recorte temático gênero, raça e classe esta pesquisa sobre a história da enfermagem reconstruiu não apenas histórias de vidas de mulheres negras que se tornaram enfermeiras e construíram trajetórias de destaque, mas sobretudo desvelou dentro da enfermagem temáticas sociais de notória importância. A narrativa histórica dessas enfermeiras negras possibilitou compreender como a mulher negra sempre ocupou um lugar importante no cuidado ao longo dos tempos no Brasil. Entretanto, observou-se que o reconhecimento social deste lugar sempre as foram negadas ao se analisar a história sob a unidade raça/racismo. A profissionalização da enfermagem foi negada a estas mulheres, mas estas passaram a se inserir nas universidades mesmo sofrendo com as estruturas racistas que fazem parte das Escolas de Enfermagem no Brasil.

A (re)construção de uma história da enfermagem torna-se necessário neste contexto. Pois, a historiografia da profissão reproduz e viabiliza a negação da importância de enfermeiras negras para a construção da identidade da enfermagem ao excluí-las das narrativas. Logo, romper com a historiografia tradicional é possibilitar o entendimento e reconfiguração da identidade da enfermagem, a qual vem sendo forjada por uma historiografia patriarcal, branca e elitista.

Assim, este trabalho não se encerra como uma constatação científica de que o racismo como ideologia se estrutura na enfermagem e na sua história, e de que apenas as narrativas de vidas aqui descrita demonstram a importância da valorização das enfermeiras negras dentro da profissão, mas sobretudo busca instigar a produção científica sobre a temática estabelecendo as relações entre os tempos históricos ao conceber a temática racismo como fenômeno social que perpassa os tempo. Portanto, reafirmo a importância dos estudos de resgate de memória

individual ou coletiva das enfermeiras negras. Constatou-se a dificuldade em coletar, reunir e confrontar dados sobre as enfermeiras negras para a construção de uma narrativa histórica que contemplasse o recorte temático deste estudo. A produção científica sobre a temática é muito escassa, e as informações muitas vezes discordantes, o que indica a necessidade de estudos com mais qualidade para se preservar a validade das informações.

A escrita deste trabalho permitiu mais do que meu crescimento profissional como futuro enfermeiro mas também como pessoa. Compreender as relações de gênero e raça imbricadas na minha futura profissão e como tal fenômeno se desdobra na relação cuidado - teoria – prática tornou-se uma reflexão de notória importância. Além de me inserir em um lugar dentro deste coletivo que é a enfermagem. Destaco aqui o racismo por se associar as relações de gênero, notoriamente enraizadas na profissão. A análise torna-se mais particular por esta interseccionalidade predominar numa discussão própria da enfermagem apesar de que como ideologia se apresenta estrutural e na enfermagem não é diferente. As mazelas trazidas pelo racismo a nossa profissão tornam-se evidenciadas, assim como as más consequências a cada enfermeira negra são irrefutáveis.

Destarte, a história de vida das enfermeiras negras aqui descritas constituem-se memória e resistência. A partir dessa resistência reconstitui-se no campo da subjetividade a representatividade que as enfermeiras negras aqui estudadas, heroínas pretas da enfermagem, são para mim, para outras enfermeiras negras e estudantes negras de enfermagem. Por fim, acredito que este trabalho contribuirá para a literatura acadêmica pertinente a história da enfermagem e principalmente para a história das mulheres negras e inserção destas enquanto protagonistas da História da Enfermagem e sua consolidação como profissão de saúde, como ciência do cuidado, e pela militância na Saúde Pública. E, por constituir-se uma pesquisa histórica que objetivou contribuir para a compreensão da identidade da enfermagem a partir do afastamento de estruturas ideológicas que a tentam forja-la.

## REFERÊNCIA

BELLAGUARDA, M.L. R, et al. Identidade da profissional enfermeira caracterizada numa revisão integrativa. **Revista Face**, Brasília, v. 3, n.2, p. 180-183. 2011.

BERTOLOZZI, M. R.; GRECO, R. M. As políticas desaúde no Brasil: reconstrução histórica e perspectivas atuais. **Rev.Esc.Enf.USP**, v.30, n.3, p.380-98, dez. 1996

CAMPOS, P. F. S. et al. Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira, **Cultura de los Cuidados**, San Vicente Del Raspeig, n. 22, 2007.

CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. *Rev. bras. Enferm*, Brasília, v. 61, n. 6, p. 892-898, Dec. 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672008000600017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672008000600017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 fev. 2018.

CAMPOS, P. F. S. As enfermeiras da Legião Negra: representações da enfermagem na revolução constitucionalista de 1932. **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, Lisboa, n. 33, p. 53-65, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087468852015000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087468852015000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CAMPOS, R. P. Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o serviço especial de Saúde Pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1237-1238, mai 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2007000500026&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000500026&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000500026>

CAMPOS, P. F. S. Programa Enfermagem do SESP: Formação e Identidade Profissional Brasileira Pós-1930. **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2012. Disponível em <[http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180976342012000100004&lng=pt&nrm=iso](http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180976342012000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 fev. 2018

CAMPOS, P. F. S. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. 3, n. 6, p. 167-177, mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087402832012000100016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087402832012000100016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 fev. 2018. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12HM1>

CAMPOS, V. F. A. **Mãe Stella de Oxóssi**: perfil de uma liderança religiosa. Jorge. Zahar: Rio de Janeiro. 2003.

CARDOSO, T. Os poderes da Mãe Stella. **Rede Brasil Atual**. 2013. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/66/perfil>. Acesso em: 26 mar 2018.

CASTRO, E. C. **Identidade e Trajetórias de Alunos Negros da UFMT nos Cursos de Nutrição, Enfermagem e Medicina**. Dissertação. Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá. 2005.

CODATO, A. N. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. **Revista de Sociologia e Política**, nov, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=23802508>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

COFEN. **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil – 2013**. Brasília. 2013. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/> Acesso em: 24 fev. 2018.

CONNELL. R. Gênero e corporificação na sociedade mundial. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 3, n. 1, 2015, p. 281 – 287.

CURSINO, E. G. Rosalda Paim: o significado da concessão do título de professor emérito outorgado pela Universidade Federal Fluminense. **S Afr Med J**, v. 15, n.2, 2016; 15(2) p. 109-113, 2016.

EEUFBA. **Histórico**. Salvador, 2000 Disponível em: [http://www.enfermagem.ufba.br/index.php?/aescola\\_historico](http://www.enfermagem.ufba.br/index.php?/aescola_historico). >. Acesso em: 24 fev. 2018

FERREIRA, J. U. G.; CAMPOS, P. F. S. Pérolas Negras: a participação de mulheres negras na Revolução Constitucionalista de 1932 **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.3, nº6 jan-jun, 2014.p.121-148.

FONSECA, P. C. D.; MONTEIRO, S. M. Credibilidade e populismo no Brasil: a política econômica dos governos Vargas e Goulart. **Rev. Bras. Econ.** , v. 59, n. 2, p.215-243, 2005.

FRAGA, M. MÃE STELLA DE OXÓSSI — ODÉ KAIODÊ: Saudação à acadêmica. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n, 52, 2014. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2007/07/10/mae-stella/>. Acesso em: 20 mar 2018.

G1BAHIA. **Mãe Stella de Oxóssi deixa terreiro com companheira e mudança gera conflito com integrantes do templo na Bahia**. Salvador. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/mae-stella-de-oxossi-deixa-terreiro-com-companheira-e-mudanca-gera-conflito-com-integrantes-do-templo-na-bahia.ghtml>. Acesso em: 26 mar 2018.

LOW, L. **Enfermeiras negras na revolução constitucionalista de 1932**. Tese. Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2013

LÖW, L. OGUISSO, T. Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história. **Cultura de los Cuidados**, n.38, 2014

LITERAFRO. **Mãe Stella de Oxóssi**. Minas Gerais 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/299-mae-stella-de-oxossi>. Acesso em: 20 jan, 2018.

MARQUES R. C. As faces de Rosalda Paim: suas contribuições para a enfermagem que praticamos. Monografia, Niterói, 2016.

MARIANO, A. **Entrevista com Mãe Stella de Oxóssi**. 2001. Disponível em: <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/no-candomble-e-a-gente-que-se-supera-nao-tem-que-superar-o-outro-entrevista-com-mae-stella-de-oxossi/>. Acesso em: 20jan. 2018.

MOREIRA, L. **MULHERES NO PARLAMENTO: Trajetória, atuação parlamentar e construção das políticas sociais de gênero no Poder Legislativo Estadual do Rio de Janeiro**. Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2010.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB**. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 26 de Jan. de 2009.

OGUISSO, T. et al. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. **Enfermagem em Foco**, v. 2, p. 68-72, maio 2011. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/85>>. Acesso em: 02 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2011.v2.nSUP.85>.

OXÓSSI, M. S. DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA 33. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 52, 2014. Disponível em: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2007/07/10/mae-stella/>. Acesso em: 20 mar 2018.

PAIVA, C. H. A. Isabel dos Santos and the training of the health workers. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1785-1793, jun, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232015000601785&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232015000601785&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Mar. 2018.

PAHO TV. **Trabalho e Formação em Saúde: a trajetória de Izabel dos Santos**. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OUgK4NK8zGk>. Acesso em: 20 mar 2018.

PINHEIRO, C. W. O cuidado das amas-de-leite e o protagonismo do negro na história da enfermagem: uma luta por equidade, **Hist enferm Rev eletrônica**, v. 6, n.1, p.124-34. 2015.

PROCOPIO, A. S. A política de gênero, do pessoal ao global. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 1007-1010. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2016000301007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2016000301007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p1007>

SANTOS, G. B. et al. Profae e lógica neoliberal: estreitas relações. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 139-160, jun, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198177462007000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462007000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462007000100007>

SANTOS, I. Izabel dos Santos: fazendo história na história da enfermagem brasileira. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 41, p. 853-858, dez. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342007000500020&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342007000500020&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 mar. 2018

SILVA E. S. et al. Racismo e preconceito: depoimentos de enfermeiros afro-descendentes egressos da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, n.2, 2010. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750833005>> >. Acesso em: 24 fev. 2018.

SILVEIRA, R. S., NARDI, C. H. Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. **Psicologia & Sociedade** n. 26. 2014. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309331565003>> Acesso em: 24 fev. 2018.

TEIXEIRA, E. R. et al. Rosalda paim: uma enfermeira para além de seu tempo. **Brazilian Journal of Nursing**, v. 11, n. 2, 2012.

TVUFBA. 750. **PERFIL - Mãe Stella de Oxóssi. 2015.** Disponível em: <http://www2.tv.ufba.br/video/750-perfil-m%C3%A3e-stella-de-ox%C3%B3ssi>. Acesso em 25 mar. 2018.

VAINSENER, S. A. **Mãe Stella de Oxóssi.** Recife. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar\\_en/](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar_en/). Acesso em: 20 jan, 2018.

